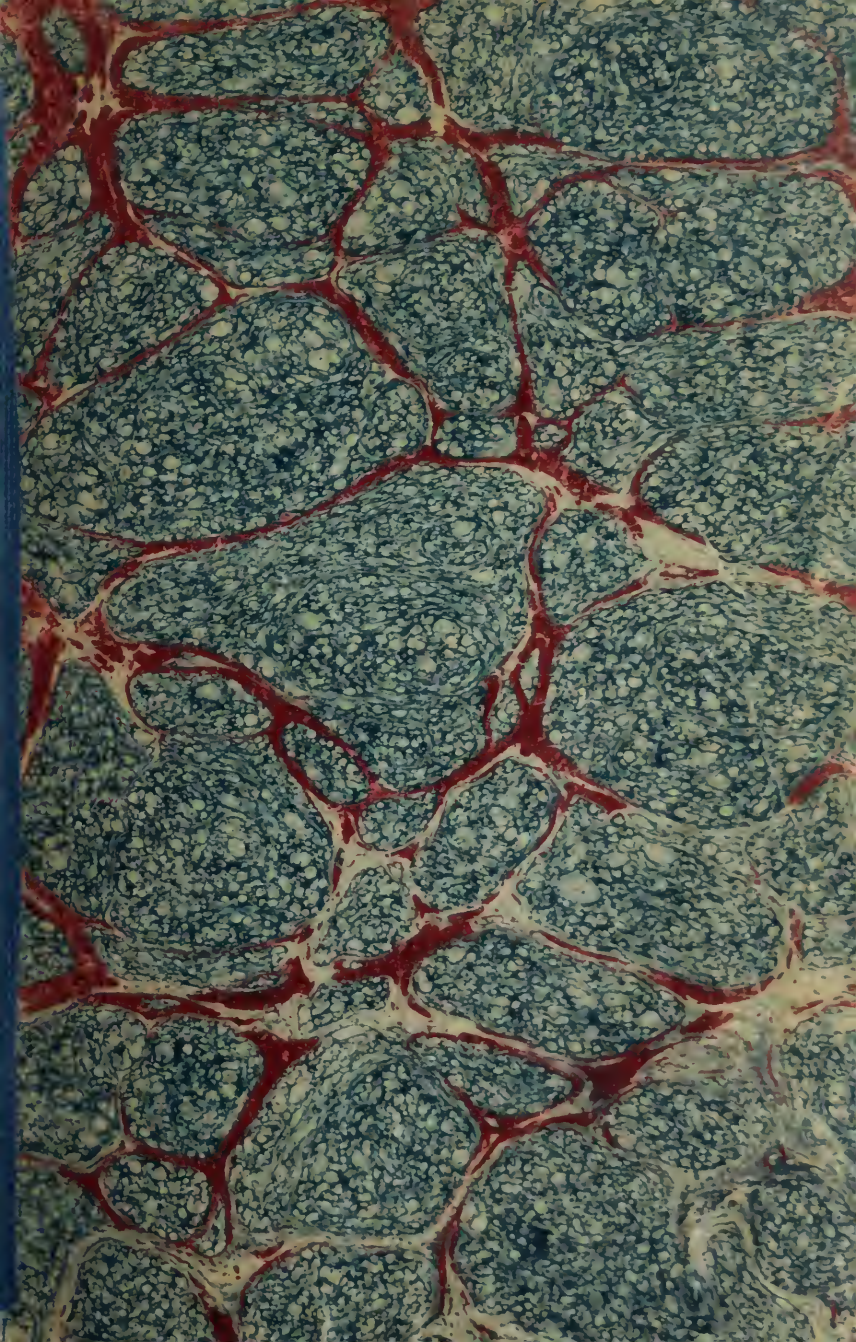
3 1761 07046974 7

Pimenta de Aguiar, Manuel
Caetano
Conquista do Peru

PQ
9261
P45C6



CONQUISTA DO PERU.

TRAGEDIA.

POR

MANOEL CAETANO PIMENTA DE AGUIAR.

Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames!

Virgilio.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1818.

Com Licença.

PQ
9261
.P45C6

LIBRARY
MAR 8 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

ARGUMENTO.

FRancisco Pizarro, e Diogo Almagro, Hespanhoes, desconhecidos na sua Patria, porém dotados de valor, e daquella intrepidez, que caracteriza os auctores das grandes descobertas, desgostosos de huma vida obscura, se embarcárão para o Novo Mundo.

Esse metal, que muitas vezes faz mais desgraçado quem o possue, que aquelle que o deseja, os excitou a emprenderem algumas viagens ao Mar do Sul. Os thesouros, que roubárão nestas expedições, excitando a sua incansavel cobiça, elles descobrirão o Perú em 1525. Acompanhados de outros aventureiros Hespanhoes, se apoderárão da Ilha de Puna, que lhes facilitava a entrada naquelle rico Imperio. Usárão da sua primeira victoria como politicos, perdoando aos vencidos.

Os Peruvianos atterrados por seus oraculos, que lhes vaticinavão, que algum dia virião do Oriente homens barbudos, de hum genio terrivel, senhores dos raios, e dos trovões, trazendo comsigo animaes formidaveis, olhavão estes estrangeiros como filhos do Sol. Atabalipa, Imperador desta vasta porção do Novo Mundo, se intimidou, julgando ver nos Hespanhoes homens enviados do Ceo para punillo. Mandou logo aos invasores alguns emissarios carregados

de magnificos presentes, rogando-lhes quizessem sahir de seus estados. Pizarro respondeo accelerando a sua marcha para Caxamalca, onde o Imperador se tinha forteficado com quarenta mil homens. Depois de huma breve negociação, Atabalipa consentio em receber Pizarro como Embaixador de Hespanha.

Hum Frade, chamado Valverde, a quem animava o mesmo espirito, e companheiro nestas descobertas, notificou o Imperador da parte do Papa, para que logo abraçasse o Christianismo, e fizesse homenagem de sua Coroa ao Imperador do Oriente (assim chamavão elles a Carlos V.) começando immediatamente a explicar-lhe os dógmas da Religião Christã. Atabalipa, assombrado de tantas novidades, lhe pedio provas do que lhe asseverava, o missionario apresenta a Biblia, o Imperador Peruviano, desconhecendo a linguagem deste livro, e julgando que a demonstração era insufficiente, o lançou por terra com desprezo. Valverde furioso grita ás armas. Pizarro prevenido ataca subitamente os Peruvianos, e os desbarata com as suas armas de fogo, prendendo o infeliz Monarcha á vista de seus aterrados vassallos.

Atabalipa, arrancado de seu throno de ouro, carregado de cadêas, offerece pela liberdade huma das salas de seu palacio cheia deste metal; nada satisfaz os novos conquistadores.

Pizarro e Almagro, aproveitando-se do susto e abatimento da Nação, acusão o Imperador

de ter dado ordens secretas para se assassinarem todos os Hespanhoes. Formárão hum concelho de guerra, no qual foi condemnado a ser queimado vivo. Depois, cheios de caridade, e movidos da compaixão, o fizerão baptizar por Valverde, mandando-o garrotar antes de ser lançado na fogueira. Assim acabou naquella região o Imperio dos Incas.

Não ficárão impunidas tantas atrocidades. Em pouco tempo a discordia, suscitada pela sanguinaria ambição, desunio os conquistadores do Perú. Elles se armárão hum contra o outro, e se derão hum terrivel combate debaixo das muralhas de Cusco, no qual Almagro ficou prisioneiro. Pizarro, seu rival, lhe mandou alli mesmo cortar a cabeça. Os amigos de Almagro, revoltados com as crueldades e extorsões de Pizarro, o assassinárão em 1541.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/conquistadoperut00pime

ACTORES.

ATABALIPA, Imperador do Perú.
PALIMA, sua mulher.
SEMIRA, sua filha, esposa destinada a
OSCA'R, Rei vizinho.
FRANCISCO PIZARRO. } Hespanhoes, che-
DIOGO ALMAGRO. } fes da expedição.
AKALLIA, confidente de Palima.
DRUZÁ, confidente de Semira.
INGACU, cónfidente de Atabalipa.
JACUBACCA, amigo de Oscár.

Soldados Hespanhoes. Peruvianos.

A Scena se representa em Caxamalca.

ACTO I.

SCENA I.

Sala de Palacio.

Palima, Semira, Akallia, e Druza.

PALIMA.

DEpõe, cara Semira, amargos sustos,
Que o terno coração gera assombrado.
Não póde hum Deos benefico e sublime
Filhos crear, que monstros se pareção.
Muitas vezes o Sol a face esconde
Entre enroladas nuvens pavorosas,
Donde o farpado raio á terra envia;
Porém logo, rompendo os ares densos,
Vem risonho dourar nosso hemispherio.

SEMIRA.

Tudo o que excede as leis da natureza
Nos aterra. Não viste enormes monstros,
De ingentes corpos, de estendidas azas,
Do mar ceruleas ondas dividindo,
Dos cavernosos bojos vomitallos
Nas pacificas praias deste imperio?

Cobertos de hum metal escuro e forte,
Onde as hervadas séttas se despontão,
Fazem troar por formidaveis braços
Accesos raios, inda mais terriveis,
Que os que despede o Ceo em tempo iroso.

AKALLIA.

Eu temorosa os vi, em seus aspectos
A furibunda morte está pintada;
Apenas juntos vem alguns dos nossos,
A' sua voz, com horrido estampido,
Brame o rijo trovão, que o peito aterra.
Os tristes Peruvianos, assaltados
De convulso pavor, das mãos trementes
Deixão cahir as armas, que não podem
Com os filhos do Sol ter competencia.

DRUZA.

Esses entes, que o Ceo talvez envia,
Para crimes punir, de fogo armados,
Que intentarão fazer dos infelizes
Habitantes, que nunca os provocárão?
Vasto mundo annuncião, novas gentes,
Reis poderosos, climas affastados,
Hum Deos, que fez o Sol, diff'rente culto,
Novas leis, novos usos, novo estado.

SEMIRA.

Eis a origem fatal de meus temores!
Quando o brilhante Sol no templo de ouro,
Seus raios escondendo, então fallava
A nossos Pais com voz serena e meiga;
Augurou-lhes n'um dia em tom tremendo,
Que as massiças columnas abálárão,

Que lá de outro hemispherio aqui virião
Seus Filhos aportar de fogo armados;
Que o Imperio dos Incas, tão antigo,
Devia succumbir aos fortes braços
Que manejão o raio, e que o seu culto
Se devia acabar por nossos crimes.

PALIMA.

Não despertes, Semira, na minh'alma
Pavorosas ideas! Nesse Numen,
Que brilha fulgoroso, que em seu curso
Imperturbavel de estações prescriptas
Forma a bella armonia, que esclarece
A face do universo, e quando esconde
Sua dourada coma a terra deixa
Entregue á noite somnolenta e fria;
E que em tempo marcado outra vez nasce
Risonho e grato, dando em luz brilhante
Vivifico calor, que tudo anima;
Só vejo hum Deos benefico, que espalha
O prazer nos mortaes. Se são seus filhos
Esses gigantes, que marinhos monstros
Trouxerão do Oriente ás nossas praias,
Não podem ser crueis. Povos tranquillos,
Que nunca os offenderão, não merecem
Seus raios sopportar. Nossa humildade
Vai desarmar seus braços furibundos.

SCENA II.

As ditas, e Oscár. (1)

OSCA'R.

NOssa humildade desarmar os braços
De monstros, que a soberba só gerára!
Que disseste, Senhora! Já te atterra
Hum punhado de vis aventureiros,
Que a cobiça guiou aos nossos climas?
Das igneas armas o terrivel uso,
Por nós desconhecido, pode dar-lhes
A posse deste Imperio? Já te esqueces
De teu augusto sangue, do caracter
De Sob'rana no clima affortunado
Que te vio nascer? Queres curvar-te
Diante de mortaes, que são ludibrio
Da Fortuna, dos ventos, e dos mares?
E que hum affouto acaso em nossas praias
Temerario arrojou? Os descendentes
Do Numen, que preside ao claro dia,
Saberão defender de mãos aváras
O sagrado terreno. O raio, a morte,
Não intimidão fortes Peruvianos.
Farei descer das ingremes montanhas,
Que as nossas posseções tem separado,
Meus vassallos intrepidos, que esmaguem
Entre braços robustos homens fracos,

(1) Entrando com vivacidade.

Que estupido pavor tem deificado.

PALIMA.

Ah' generoso Oscár, debalde intentas
Oppor humana força ao raio ardente,
Que trouxerão do Ceo esse temiveis
Filhos do Sol, que vem para atterrar-nos.
Não viste ha pouco, fuzilando aos ares,
Seu fogo abrazador lançar em terra
As aves, que voavão sobranceiras
Muito longe de nós no ethéreo espaço?
De impenetraveis corpos revestidos,
Com gume cortador nas nuas carnes
Dos mizeros vassallos assombrados
Farião tal horror, que a Natureza
Pasmaria de ver tão triste scena.
Com teu genio fogoso não despertes
Poderosa vingança. Não se abate
A Regia Magestade quando adora
Os destinos, que o Ceo á terra envia.

OSCA'R.

Foge, bella Semira, de hum terreno,
Que atroz superstição tem devorado.
Vem comigo gozar ares serenos
Aonde impéra Oscár. Dize aos Tyrannos,
A quem a sede de hum metal fulgente,
Que nos deu liberal a Natureza,
Conduz das regiões da roxa Aurora,
Que venhão insultar te em teus dominios!
Teu amante os provoca! As nossas settas
Tambem sabem ferir! Oscár só teme
Raio, que vibra o Ceo! Despreza as armas,

Que engenhosos mortaes tem fabricado!

SEMIRA.

Meu adorado Oscár, não exacerbes
A viva dór, que o coração me opprime.
No momento terrivel não separes
De amantes Pais a filha carinhosa.
De imprudente furor arrebatado
Não vás correr após da desventura.
Nosso terreno, aonde a paz morava,
Não queiras converter em féro campo
Da morte e da carnagem. Nosso Numen,
Se seus Filhos não são taes invasores,
Ha de punir com braço justiceiro
A cruel aggressão, negra impostura.

OSCA'R.

Não esperes que o Ceo obre prodigios
Sem que o mortal se esforce! Honra sagrada,
Dever, religião, leis, amizade,
Tudo gritando está justa vingança.
Instincto poderoso, que reclama,
Até nos corações das mesmas féras,
Com imperiosa voz nobre defensa
De tudo o que ha mais caro e mais sensivel,
A Patria, os filhos, a mimosa esposa,
Nos desperta o valor. Em mim dominão
Mais sublimes paixões! Semira treme!
Seu terno coração vive assaltado
De panico terror! Pés cobiçosos
De estrangeiros famintos tem pizado
Seu patrimonio augusto! As faces bellas
Amargurado pranto já mulhárão!...

Ah' deixa que os tyrannos extermine
Meu braço vingador! Adeos Semira. (1)

SEMIRA. (2)

Oscár, meu caro Oscár, suspende os passos,
Não queiras abysmar na desventura
Os tristes Peruvianos! Mais prudentes
Devemos esperar que nos aclarem
Os nossos invasores seus destinos.
Pouco a pouco sondando o seu caracter,
Seus costumes, das armas formidaveis
O terrivel manejo, nós veremos
Se são filhos do Sol, ou gente ousada.

OSCA'R.

Os barbaros já virão consternados
Os Povos deste imperio. Já gozárão
Do primeiro triumpho. Ao fuzilarem
Horrisonos trovões, que tem forjado,
Por terra os atterrados Peruvianos
Tremendo se lançárão; alguns fortes
Quizerão disparar agudas flexas,
Mas seus braços prendeo o susto inerme.
Deste ensaio animados vem marchando
A Caxamalca, sempre precedidos
De fulminantes maquinas, que inspirão
Nos Povos o terror. Nossa apatia
Audazes os fará, fará que exijão
Acerbas condições, que nos insultem.
Se não marcharmos já, para arrancar-lhes
Das mãos fumantes raios contrafeitos,

---

(1) Quer partir. (2) Semira o detem.

Se deixarmos que o medo se apodere
Dos simplez corações de hum Povo ingenuo,
De senhores, que somos deste mundo,
Passaremos a escravos de huns tyrannos,
Que o acaso guiou desde o Oriente.

PALIMA.

Inda a doce esperança me alimenta
O triste coração, ainda espero
Ver a serena paz raiar nos campos
Do aurifero Perú. Risonho e bello
Hoje nasceo o Sol, nada annuncia
Sua ira fatal. No templo juntos
Vamos a supplicar seu forte auxilio;
Temos direitos de exigir piedade:
Porção celeste delle dimanada
Anima o nosso ser, somos seus filhos.

OSCA'R.

Embora o vosso sexo delicado
Vá no templo implorar o Nume amigo;
Porém nós outros sobre o campo armados
Devemos combater! A raça infame,
Que leis nos quer dictar, braços ousados
Esmaguem de huma vez! Eu posto á frente
Exemplos lhes darei como se vence,
Ou se morre senhor da liberdade!
Usar da piedade em demasia,
Muitas vezes abate o genio altivo.
Quem ao maravilhoso só reccorre,
Tem fraco coração na desventura.
Minha cara Semira, os teus suspiros
Hão de attrahir do Ceo potente auxilio.

De teus olhos o doce movimento
Hum Deos irado tornará propicio.
Vai, meu Iris da paz, unir teus votos
Aos votos desta Mãi! Vossas virtudes
Não poderão clamar inutilmente!
O teu Oscár, no meio do conflicto
Invocando Semira, será sempre
Invencivel! O raio fulminante
Perderá seu vigor! Esses injustos
Atrozes invasores por meu braço,
Animado por ti, serão vencidos.

SCENA III.

Os ditos, e Atabalipa.

ATABALIPA.

E Esposa, caros filhos, da minh'alma
Mais suave porção! Vossa existencia,
Que formava o prazer de Atabalipa,
Agora, das desgraças assombrada,
Excita acerba dôr dentro em seu peito!
Pavoroso futuro as portas abre,
E me faz vêr, entre clarão medonho,
Extincto de meus Pais o vasto imperio!
Vejo a raça dos Incas arrastando
Vergonhosos grilhões! Foi nos meus dias,
Que se cumprio a lei de injusto fado!
Já chegárão por cima desses mares,
Em monstros espantosos conduzidos,

Os filhos do trovão, que vibrão raios.
Desprezárão meus dons, vem, precedidos
De fogo, procurar-me em Caxamalca.
Não os assusta a multidão immensa
De vassallos fieis, que inda acompanhão
Seu infeliz Monarcha. Oh' cara filha;
Doce fructo de amor! Eu que esperava
Unir-te ao teu Oscár, e quando a morte
Marcásse o termo da vital carreira,
Deixar-te hum rico imperio florecente,
Agora só te deixo entregue ás garras
De monstros horrorosos, sopportando
A dura condição de vil escrava.

OSCA'R.

Semira escrava! Que disseste, amigo!
Ainda vive Oscár! Inda tem braços
De vassallos fieis! Inda lhe adorna
Altiva fronte aurifera coroa
De hum Reino poderoso! Não o assustão
Atrevidos mortaes! Deoses não gerão
O detestavel vicio! Esses famintos,
Que talvez a fortuna mais escassa
Conduz a nosso clima affortunado,
São homens como nós, porém mais habeis.
As maquinas terriveis, que inventárão,
Donde vomitão fogo estrepitoso,
Os fortes não assombrão: basta ver-lhes
O desprezivel numero p'ra darmos
Inteira confiança ao nosso estado.
Entrega ás mãos de Oscár seu exterminio;
Depressa as pertendidas divindades

Verás cahir por terra, e despojados
Das fulminantes armas, só veremos
Miseraveis, que pavidos terrores,
Fatal superstição tem feito ousados.

ATABALIPA.

Não, amigo, não tem a natureza
Poder para roubar ao Sol seus raios.
Estes hospedes vem do Ceo armados,
Para punir meus crimes: são aquelles,
Que os antigos Oraculos disserão,
Que das remotas partes do Oriente
Virião conquistar-nos; nossas armas
Não podem offendellos; são seus corpos
Invulneraveis; tem a seu arbitrio
Todos os elementos, que manejão
Por destras mãos, que os Deoses ensaiarão.
Não viste o mar, o vento, o fogo, a terra,
Doceis a seus preceitos, só seguirem
O forte impulso, que lhes dão seus braços?
Ah' meu querido Oscár, nossa humildade
Só nos pode attrahir do Ceo clemencia!
Detestemos os vicios, e a virtude
Em nossos corações levante altares.

OSCA'R.

Já vejo que atterrado te abandonas
Nos braços da perfidia, que o teu throno
Vai ser manchado, que os audazes monstros,
Que devião punir-se, vão dictar-te
Severas leis na Capital do Imperio.
Se as virtudes só podem defendernos,
Não as tens todas juntas em Semira?

Seu terno coração já não merece
A protecção de hum pai? Timido e fraco
Consentirás, que alguns aventureiros
A venhão despojar da justa herança?
Semira já he minha, leis sagradas,
Que não podes quebrar sem ser perjuro,
Suas promessas, nossa simpathia,
Amor, o puro amor, que aperta os laços
De nossos corações, me dão a posse
Deste thesouro de maior valia,
Que o Imperio dos Incas. Vem, Semira,
Foje ao ingrato Pai, foge aos tyrannos,
Que sabem illudir as almas fracas!
Em meus estados tu serás Sob'rana!
Terás hum throno, que não teme o fogo,
Nem as armas, que os homens tem forjado!
Oscár, o teu Oscár, tendo Semira,
E seu liberto reino, he Rei do mundo.

SEMIRA.

Semira será sempre a mais constante
Mais desvelada esposa: teus preceitos
Fazem o seu prazer; porém agora
Sómente escuta a voz da natureza;
Não devemos deixar no desamparo,
Quando a desgraça furibunda assoma,
Aquelles que nos derão a existencia.
Ao lado de seus pais Semira acabe,
Se immutaveis decretos tanto exigem.
Vai reger os teus povos, mais felizes
Por não serem banhados seus terrenos
Das salsas ondas, que o caminho abrirão.

Se no triste Perú desventurado
Segunda vez raiar risonha aurora,
E que o Ceo satisfeito além dos mares
Em monstros nossos hospedes transponha;
Então apressa, Oscár, os meigos passos,
Vem ver a esposa, teus fieis amigos;
Os negros dias da cruel saudade
Para sempre desterra. Eu me abandono
No centro dos pezares mais terriveis,
Que humano coração tem sopportado!

OSCA'R.

Portentosa Semira, não me roubes
A gloria de imitar-te! He no momento
Em que vejo invadido o teu imperio,
Em que vacilla hum pai, em que tu mesma
Precisas do auxilio de meu braço,
Em que se offende o meu amor ingenuo,
Que se insulta a amizade, ultraja a honra,
Que me aconselhas negra cobardia?
E que abondone entre famintas garras
Tudo o que he para mim mais precioso?
Não, teu amante saberá com gloria
Direitos sustentar, que lhe disputão
Atrevidos mortaes. Cara Semira,
Longe dos olhos teus Oscár não vive!

PALIMA.

As sublimes virtudes, que se abrigão
Em vossos coração, meus doces filhos,
Vem animar a languida esperança,
Que a atribulada vida me alimenta.
Não pode o Ceo faltar á lei escripta

Em nossos corações; sempre a virtude
Premiada será, punida a fraude:
Petulante soberba, audaz cobiça,
Sempre vicios serão. Não nos lancemos
Nos braços do terror desalentados.
Destes Deoses, ou homens, que nos buscão,
As vozes escutemos sem turbarnos.
Se são filhos do Sol, não vem famintos
Destruir nosso imperio, nem seus cultos.
Se homens terriveis de medonho aspecto,
Que climas pavorosos tem gerado,
E que sabem domar com braços fortes
As leis da natureza, então veremos
Se podem combatellos nossas armas.
Mas se a sua invasão só se destina
A' posse de hum metal, que avidos buscão,
E que o nosso terreno affortunado
Sem custo gera no fecundo seio,
Sem sangue derramar, nem ver da guerra
Horrisono semblante, hoje compremos
O socego e a paz; só neste emprego
He que pode entre nós ter grande apreço.
Tem mais valor a vida de hum vassallo,
Que esses montões de laminas luzentes,
Onde atroz ambição sacia as vistas.

ATABALIPA.

Essa paixão, que de horridas desgraças
Tem innundado a terra, além se estende,
Nos corações dos hospedes terriveis,
Desse metal, que empolgão cobiçosos.
Apenas arrojados sobre as praias

Do seio escuro dos enormes monstros,
Temendo seu furor, temendo estragos,
Lembrado dos oraculos funestos,
Vendo o raio partir, pasmado ouvindo
Repercutirem cavernosas grutas
Horrendo som, que ha pouco lampejára;
Para adoçar seus animos ferozes,
Desse louro metal porção ingente,
De ricas pedras, saborosos fructos,
Hum presente lhes fiz, que bem podia
Seus desejos fartar, se elles só fossem
A' posse destas cousas limitados.
Rogava-lhes quizessem retirar-se
Nos mesmos animaes, que os conduzirão
De incognito pais por entre as ondas.
Seus chefes carrancudos, mal ouvirão
Minhas proposições, com voz tremenda
Estes ricos presentes rejeitárão.
Sua resposta foi marchar nos passos
Dos emissarios meus, e vir buscar-me
Em meu proprio palacio. Não se assustão
Da multidão fiel, que o guarda em torno,
E desprezão com ar sanhudo e fero
De nossas armas improbo manejo.

SCENA IV.

Os ditos, e Ingacu.

INGACU.

HUm desses Numes, do trovão armado,
Se apresenta, Senhor, diz, que seus chefes

Te pertendem fallar, que bem podião
N'um instante lançar por terra os muros
De Caxamalca, e destruirem quantos
Se quizessem oppôr á sua entrada.
Porém que são amigos, que não usão
Do raio vingador se não forçados,
Que vem trazer a luz brilhante e pura
A nossas regiões, que espessas nuvens
Do rude gentilismo tem toldado.

ATABALIPA.

Que estranhas sensações minh'alma opprimem!
Tudo quanto eu escuto e quanto vejo
He novo para mim! Tantos prodigios,
Desenvolvidos em hum só momento,
Tem força de abalar almas mais fortes.
Sim, amigos, ouçamos estes entes,
Espreitemos de perto o seu caracter,
Vejamos se reluz em seus semblantes
Da Divindade o raio fulgoroso;
E se a horrivel torrente arrebatada
De nossos males pode suspender-se.

OSCA'R.

No meio destes choques repetidos
De novas scenas, que a tu'alma abatem,
Lembre-te, amigo, a magestade augusta
Do throno que possues, de teus maiores,
Dos respeitaveis Incas descendentes
Do Deos que marca as estações prescriptas,
Que são fracos mortaes, que vem armados
Do raio contrafeito, esses audazes,
Inspirando o terror a povos rudes,

Que tem superstição atado os braços.
No desprezivel numero repara
Dos soberbos, que ufanos se apresentão.
Teu caracter sublime não aviltes
Cedendo á seducção, que toma a lingoa
Da impostura fallaz. Com genio ousado
Aterra os fementidos, se quizerem
Teu respeito offender, ou leis dictar-te.

ATABALIPA.

Supremo Ser, que pelo ethereo espaço
Chamejando em teu carro vás seguindo
Inalteravel rapida carreira,
Attende aos males meus, minh'alma inquieta
Providente illumina, e deste Imperio,
Aonde cultos tens, templos, altares,
Irado não te esqueças, presta auxilio
A quem o teu poder sómente invoca. (1)

OSCA'R.

Fatal superstição, quantas desgraças
Tem causado aos mortaes teu ceptro iniquo! (2)

---

(1) Vai-se. (2) Vão-se.

ACTO II.

SCENA I.

Campo fóra de Caxamalca. Soldados Hespanhoes armados de espingardas, trazendo algumas peças de artilheria.

Pizarro e Almagro.

PIZARRO.

O Poder da illusão governa os homens.
Quando na Europa se souber que havemos
Entrado no Peru com mão armada,
E que ao som do canhão povos immensos
Se prostrão ante nós de horror pasmados,
Talvez não se acredite esta ardua empreza.
He preciso aterrar, impór, fazer-nos
Por Deoses respeitar: se este prestigio
Cahir em terra, somos desgraçados.

ALMAGRO.

He tal a commoção, que as nossas armas
Nestes povos pacificos tem feito,
Que não se atrevem levantar os olhos
Quando vem caminhar qualquer soldado.
Devemos sem demora aproveitar-nos
Dos prosperos momentos, que a fortuna
Off'rece aos filhos seus, seguir ousados
A primeira impressão, impôr aos fracos;
Que a cega estupidez com mão tremente

Deste rico paiz nos abre a entrada.

PIZARRO.

A nossa marcha rapida e segura,
A procurar o chefe deste imperio
No mais forte lugar de seus dominios,
Tem aterrado os corações selvagens
Dos vassallos que o cercão. Seus presentes,
Suas proposições, tudo demonstra,
Que panico terror lhe prende os braços.
Hoje mesmo esperamos ver abertas
Essas portas, e dentro em Caxamalca
Entrarem meus soldados em triumpho.
A conduta politica, que havemos
Em Puna praticado, tem disposto
Os animos do povo. Seu Monarcha
Saberei illudir, e deste imperio
Faremos para nós rica conquista.

ALMAGRO.

Brilhante fim ás nossas descobertas
Tudo, amigo, annuncia: o rude estado
Destes povos inermes, seu caracter,
A nossa intrepidez, do fanatismo
Poder assolador, tudo concorre
A fazer prosperar tão grande empreza.
Façamos immortaes em nova historia
Nossos nomes ousados. Veja a Europa,
Que apezar do clamor da humanidade,
O desejo do ouro, e da conquista,
Vai alongando os terminos do mundo.

PIZARRO.

Valentes Hespanhoes, meus companheiros,

A quem os longos mares empolados,
Os ventos bramidores, e a presença
De novos astros, e de estranhos climas,
Não tem feito affracar nos fortes peitos
O constante valor da Patria herdado,
Hum acaso feliz nos abre as portas
De vastas regiões; o ouro, a prata,
Que a Natureza tão fecunda gera
Neste bello paiz com mão profusa,
Por premio das fadigas dos trabalhos
A nossos pés a gloria deposita;
Segui os vossos chefes, desprezando
A fraca multidão de hum povo inerme;
Com vosso ferro conquistai seguros
Esses metaes, que tanto lisongeão
As fogosas paixões. Entre o estrondo
Do terrivel canhão dictar pertendo
As leis, que vão fundar hum novo imperio.

SCENA II.

Os ditos, e Ingacu entre Soldados Hespanhoes.

PIZARRO.

Não te assustes, mortal, o frio medo,
Que teus tostados membros faz convulsos,
Olhando para mim, desterra affouto.
Não vimos destruir, nem dar a morte
A pacificos povos, nossas armas
Só formidaveis são contra os perjuros,

Contra audazes, que queirão disputar-nos
O supremo poder. Somos mandados
Pelo potente Deos grande e sublime,
Que a huma palavra só tirou do cahos
Esse astro luminoso, que a ignorancia
Te tem feito adorar. Falla, não temas,
Que pertendes de nós, ou quem te envia?

INGACU.

Homens, ou Deoses, que domaes a furia
Dos rudes elementos, que trouxestes
De apartado orizonte a nossos climas
O raio assustador; Atabalipa,
Descendente dos Incas, que este imperio
Rege em paz e justiça, conhecendo
As vossas intenções tão generosas,
Quer receber-vos, quaes fieis amigos,
Que o Ceo lhe envia para illuminar-nos.
Em pouco tempo às portas da cidade
De par em par abertas vos off'recem
A franca entrada, que exiges terriveis
Seu palacio será vossa morada:
Nos braços d'amizade a mais ingenuà
Quer seguro lançar-se, e dar-vos provas
De quanto préza huns hospedes divinos.

PIZARRO.

Eu podia mandar, que o raio ardente
A cinzas reduzisse essa cidade,
E fazendo tremer da terra os eixos
Prostrar por terra os levantados muros.
Porém quando os mortaes doceis se entregão
Franeamente em meus braços, quando vejo,

Que banindo o furor da guerra dura,
Amigos querem ser, então, depondo
A summa auctoridade, sou singelo.
Dize ao Monarcha teu, que sem demora
Lhe pertendo fallar, que hum Deos me envia
A dissipar as sombras nubilosas
Da rude educação, do paganismo.

INGACU.

Fica-te em paz, dos miseros que habitão
Este terreno, dantes não pisado
Por estrangeiro pé, te compadece.
Desarma o forte braço, e não consintas,
Que o furor anniquile hum povo ingenuo. (1)

SCENA III.

Pizarro, e Almagro.

ALMAGRO.

VAi progredindo a rapida ventura,
Que as velas nos soprou. Ao genio ousado
Tem reservado a sabia Natureza
Sens immensos thesouros. Novos mundos
São o premio das almas transcendentes.

PIZARRO.

Em quanto essa impressão do nosso aspecto
Nos fracos corações de hum povo rude

---

(1) Vai-se.

Está viva e recente, ao nosso int'resse
Impulso vamos dar, antes que o tempo
Da letargia acorde os Peruvianos.
Se cahir o terror, se repararem
No numero dos homens, que projectão
Dictar-lhes leis, se virem muitas vezes
Fuzilar o canhão, que os amedronta,
Seu som terrivel menos espantoso
Nos valles troará, e nosso estrago
Pode ser da indolencia o resultado.
O uso faz perder o medo ás cousas,
Tracto familiar desterra o susto,
Foge o maravilhoso, e vesse o homem.
Sigamos a illusão, que ella nos presta
O mais potente auxilio em nossa empreza. (1)

SCENA IV.

Oscár, e Jacubacca.

OSCA'R

NÃo, caro Jacubacca, não me aterrão
Audaciosos feros impostores.
São homens como nós, sentem nos peitos
O poder das paixões. Da morte o imperio
Sobre elles se estende, e nossos braços
Farão cahir os horridos fantasmas,

---

(1) Vão-se.

Que nos querem domar com seus prestigios.
Apressa-te, conduz os meus vassallos,
Que não sabem temer, ao campo aonde
Vai luctar o valor contra essas armas,
Que formidaveis ao terror parecem.
Por entre o fogo, que vomita a morte,
Com braços vigorosos nós iremos
Arrancar-lhes as maquinas terriveis,
Que ufanos apresentão. Temerarios!
Nenhum deve escapar, que leve á patria,
Que esses monstros gerou, noticia infausta
Deste rico paiz, só venturoso
Em quanto delles for desconhecido.

JACUBACCA.

Modera o teu valor: em campo armados
Não podemos luctar contra os senhores
Do raio e do trovão. Dissimulando
Para tempo opportuno essa vingança,
Que os ultrajes da Patria em nós desperta,
O golpe vibrará por mãos seguras.
Quando forças não ha, asticia e arte
Derrubão muitas vezes os colossos
Pela incauta soberba levantados.

OSCA'R.

Não soffre dilações minh'alma ardente,
Aborreço a traição; quem finge e teme
Jamais pode emprender acções sublimes.

JACUBACCA.

Em quanto a agitação, em quanto o medo
Reinão neste paiz, em quanto os feros
Terriveis invasores não declarão

Seus horridos projectos, de teus povos
Vem formar o prazer; nelles excita
Com augusta presença ardor sagrado;
Por seus heroicos peitos defendidas
As estreitas gargantas das montanhas,
Que servem de barreira a teus estados,
Não podemos temer, e mais tranquillos
Combinaremos ajustados planos,
Para expulsar com braços vingadores
Audazes insoffridos estrangeiros.

OSCA'R.

Como sem reflexão, amigo injusto,
A barbara perfidia me aconselhas?
Queres cobrir Oscár de negra infamia?
Fugir, abandonar a mãos cruentas
Amor e amizade, os doces laços,
Que fazem o prazer só da existencia!
Que perjuro aos sagrados juramentos,
No momento terrivel vá cobarde
Asylo procurar nessas montanhas,
Deixando entre o temor, entre a desgraça
Meu proprio coração, minha ventura?
Não, amigo cruel, conhece agora
A força da minh'alma; eu nada temo.
Se o pallido terror se o fanatismo
Paralysarem os temiveis braços
Dos fortes Peruvianos, eu sómente
Hei de extinguir a raça fementida,
Que pertende roubar nossos thesouros,
E que sabe illudir com seus prestigios
Hum Monarcha aterrado, hum povo inculto.

JACUBACCA.

Debalde intenta oppor-se humano orgulho
Aos decretos do Ceo; repara attento
Nas antigas funestas profecias
De pavidos oraculos. Quem pode
A força disputar ao rayo ardente?

OSCA'R.

Da humana condição sorte funesta!
Sempre havemos temer? Sempre assombrados
De nubilosos horridos futuros
Havemos consumir dias escassos
Luctando entre o pavor, entre a incerteza?
Pode o Sol decretar nossa ruina?
Folgar quando gememos? Dar injusto
O nosso patrimonio a gente iniqua?
Não, Jacubacca, tradições forjadas
Por impostores vis, que o povo aterrão,
Não tem poder em mim! Sei que a virtude
Agrada aos Numes, e que o vicio horrivel
Só desperta a vingança, estrago, e morte.

JACUBACCA.

Nunca pode o mortal sondar altivo
Os celestes arcanos. Limitadas
Sempre inquietas ideas nos coberão
Em dote infausto. Somos dependentes
De hum destino, que as leys jámais altera.

OSCA'R.

Eis a origem cruel de immensos males!
Grande parte das nossas desventuras
Podemos evitar, oppondo a ellas
Hum forte coração; porém cedendo

A' dura prevenção, que desde o berço
Nos fizerão sentir, somos escravos
Da vil superstição, e á nossa inercia
Chamamos fado máo, destino adverso.
Jacubacca, o valor prende a fortuna.
Reune os meus vassallos, vamos feros
Apagar esses rayos, que ameação
A ruina total do nosso mundo. (1)

SCENA V.

Sala Regia.

No fundo se vê hum throno de ouro.

Atabalipa, Palima, Semira, e Ingacu.

PALIMA.

DO centro do terror, do susto, e magoa
Fizeste renascer minha esperança.
Não vem a destruir? Vem revelar-nos
Importantes segredos? Seus aspectos
São menos furibundos? Descobriste
Em suas vozes brandos sentimentos?

INGACU.

Apenas avistei seu fero campo,
Onde o trovão dormia afferrolhado,

---

(1) Vão-se.

Senti no peito palpitar de medo
O frio coração. Homens armados
De pesadas, de duras vestimentas,
Por entre novas armas coruscantes
Me conduzirão á presença augusta
De seus chéfes, que juntos me esperavão:
Conhecendo, talvez, o mais sublime,
Que o susto me prendia a voz no peito,
Com semblante sereno, e ar affavel,
Começou a fallar, para animar-me.
Quando lhe disse, que o Monarcha excelso,
Que regia este Imperio, me enviava
A supplicar-lhe a paz, que em breve tempo
O desejava ver neste Palacio,
Então me assegurou com voz mais branda,
Que longe de aterrar povos submissos,
Só nos vinha trazer altas verdades
Sobre as azas douradas da ventura,
Que só era terrivel, formidavel,
Contra audazes mortaes, que pertendessem
Disputar-lhe o poder, oppor-se ás ordens,
Que de hum potente Deos lhe dimanárão.

ATABALIPA.

He forçoso ceder á lei austera
De implacavel destino! Meus esforços
Inuteis me serião se eu quizesse
Oppor-me á voz do Ceo! Sejamos doceis
Aos decretos fataes de hum Deos terrivel!
Cumprão-se os vaticinios! Talvez possão
Humildes rogos apagar-lhe os raios!

SEMIRA.

Meus sustos não minorão! Se os destinos
Tem dado a posse deste Imperio áquelles,
Que nos vem invadir de fogo armados,
Se não podemos debellar seguros
Braços, que o raio faz sempre invenciveis;
Abandonemos á funesta sorte
A desgraçada patria. Sobre o throno
Do generoso Oscár, meu Pai querido,
Tranquillo reinarás; o amigo, a filha,
Teus vassallos serão. Apressa os passos,
Foge ao duro rigor do fado adverso.
Alcantiladas broncas serranias
Levantou providente Natureza,
P'ra servirem de solidas barreiras
Aos Estados de Oscár. Seus habitantes
Acostumados ás fragosas lidas,
Affeitos aos penhascos escabrosos,
Saberão defender, dentre os rochedos,
A cara Patria de qualquer insulto.

ATABALIPA.

Não, meiga filha, sempre a hum desgraçado,
Qual sombra inseparavel companheira,
Persegue os passos seus a desventura.
Eu iria levar meu negro fado
Ao centro de hum paiz, que só te póde
Brado asylo prestar contra o destino.
Abriga a terna mãi, do esposo amado
Vai formar o prazer; deixa luctando
Entre scenas de horror hum pai afflicto,
Condenado a acabar co'a triste Patria.

SEMIRA.

Se ha Deos maior que o Sol, mais poderoso,
Que por occultas leis se esconde ás vistas
Dos innocentes doceis Peruvianos,
Como pode ser crime não amarmos
O que não conhecemos? Certamente
Se elle he o productor dos entes todos,
Nenhum mais bello, nenhum mais sensivel,
Que esse Deos luminoso, que adoramos.
Embora se conjurem negros fados,
Aterradoras leis, que em nós revoltão
Os puros sentimentos da virtude!
Contra o meu coração hum Deos não falla!
Amar meu caro Pai, seguir constante
A marcha que os destinos lhe apresentão,
Eis a sagrada lei, que a Natureza
Em meu peito gravou com mão mimosa.
Se a honra e se o dever, ligando aos povos
Teu grande coração, não te consentem,
Que abondones teus filhos na desgraça,
Tal Semira, seguindo o teu exemplo,
Com heroico valor dará sem susto
Por quem vida lhe deu a mesma vida.

ATABALIPA.

Oh' Deos, qualquer que sejas, que annuncião
Pavorosos mortaes com som medonho,
Tu não podes amar o horrendo vicio,
Sempre a moral será filha mimosa,
Grata a teus olhos, seja o Sol hum astro,
Que fallando creaste, mas se és Numen,
Dos entre productor, serás benigno,

Affavel, justiceiro, providente,
Serás o protector de altas virtudes,
E de Semira o Pai mais carinhoso!
Minha esposa infeliz, heroica filha,
Retirai-vos, que os feros já se apressão
A pizar esta sala, onde morava
A paz e o prazer. Meu caro amigo, (1)
Acompanha os fantasmas tenebrosos;
Quero ouvillos de perto; e vêr se o fado
Tem a raça dos Incas já proscripto.

INGACU.

Neste horrivel momento estão luctando
Esperança e temor dentro em meu peito.
No meio do conflicto não te esqueças,
Que és Sob'rano, e Senhor de hum vasto Imperio
Que milliões de vassallos te obedecem;
Mas não irrites, com caracter duro;
Entes desconhecidos, que nos trazem
Entre o fogo noticias espantosas. (2).

SCENA VI.

Os ditos menos Ingacu.

PALIMA.

A Os decretos do Ceo sejamos doceis,
Se estes entes nos são do Ceo mandados:

---

(1) A Ingacu. (2) Vai-se.

Mas se audazes mortaes, que a sede de ouro
Fez desprezar do mar o p'rigo ingente,
Aos negros bojos dos marinhos monstros
Devemos arrojallos corajozos.
Quando a Patria se insulta a vida he nada;
E só feliz aquelle que a liberta,
Deixando ás gerações grata memoria. (1)

SCENA VII.

ATABALIPA.

DE toda a parte a meus ouvidos soa
Do heroismo a voz. Entes mimosos,
Timido sexo, fraco e dilicado,
Que só armou de graças, e de encantos
A sabia Natureza, em vossos peitos
Existe mais valor, que na minh'alma!
Por poderosa mão sou assombrado,
E de horrido pavor se gela o sangue!
Eis a prova fatal desses destinos
Guardados para mim! Numes injustos!
Sou eu mais criminoso, mais iniquo,
Que meus predecessores? Na carreira
De meu governo tenho consentido
Que se opprima a virtude? Que se illudão
Sagradas leis, que os Incas promulgárão?
Já viste, injusto Sol, no curso ardente,

---

(1) Vai-se com Semira.

Correr o sangue de meu Póvo amado?
Já me viste folgar entre os gemidos
Dos desgraçados? Já prestei asylo
A' fraude e á traição? Justos queixumes
Dos oppressos vassallos promptamente
Não faço reparar? Não puno o vicio?
Só dando o premio ao justo mer'cimento?
Consentirás, ó Sol, que se anniquille
A tua descendencia? E deste Imperio
O brilhante esplendor? Teu proprio culto?
Teus templos magestosos? Ah' se eu vejo,
Que sem nos soccorrer segues teu curso,
E não te atreves a medir teus raios
Com esses pavorosos, que apresentão
Audazes estrangeiros, direi logo,
Que Deos não és, e que illusão funesta
Nos tem escravisado desde a origem
Mais remota do mnndo. Os feros chegão!
Occulte-se o temor. A estranhas vozes
Prepara o coração mortal afflicto!

SCENA VIII.

Atabalipa, Pizarro, Almagro, Ingacu, e Soldados Hespanhoes.

PIZARRO.

TRansporta-te em prazer, feliz Monarcha,
Por ver em teu paiz da Hespanha os filhos.
Avara Natureza tinha occulto

Aos póvos Europeos a mais fecunda
Rica parte do mundo. O Deos potente
Reservou para mim tal descoberta.
Lá do berço da aurora vim rompendo
Extensos mares sempre procellosos;
Domei dos ventos o furor insano,
E novos astros a carreira amiga
Seguros me mostrárão. Vi que ás ursas
Tambem nas salsas ondas se escondião.
Armado de trovões, senhor dos raios,
Enviado de Deos, não trago a morte.
Venho só instruir, venho arrancar-te
Da ignorancia brutal, dár leis saudaveis,
Destruir para sempre o paganismo,
Fazer-te conhecer que o sol he hum astro.
Estas grandes verdades já souberão
Da fertil Puna os filhos venturosos.
Nada temas de nós se amigo e docil
Ouvires meus dictames: mas se ingrato
Te quizeres oppor ás ordens minhas;
Farei cahir no desgraçado Imperio
Quanto fogo ha no Ceo, quanto alli trago.

ATABALIPA.

Explicai-vos mortaes, ou Deoses feros!
Donde vindes? Que climas vos gerárão?
Qual he o vosso Deos? Que leis são essas,
Que trazem a ventura? Quem vos chama
A perturbar a paz, que se asylava
Neste Imperio feliz, que logo enchestes
De susto e de pavor? Vós sois Monarchas?

PIZARRO.

Nem Deoses, nem Monarchas, somos homens,
Porém dotados de poder celeste.
Nada resiste aos furibundos raios,
Que ao leve aceno meu vomita a morte.
Prepara o coração, escuta attento
As sublimes verdades; vou rasgar-te
Da ignorancia fatal o veo opaco.
A Estupidez, que havia levantado
Seu tosco throno, foge espavorida,
Cedendo a nova luz o rude imperio.
Sabe pois, aterrado Atabalipa,
Que em té agora viveste aferrolhado
N'um canto d'universo, que ha mais mundo,
Povoado de heroes, de gente ousada.
Na mais amena parte deste globo
Existe a rica poderosa Europa:
O genio bellicoso, que domina
Nos filhos seus, as artes, as sciencias,
Que engenhosos cultivão, lhes tem dado
Decidido poder sobre outros povos,
Que habitão duas partes mais extensas
A's quaes Africa e Asia nós chamamos.
No fim da Europa, onde o Sol se esconde,
Para vir repontar neste hemispherio,
Existe a Patria minha a grande Hespanha:
Marcou a Natureza os seus limites,
Qual producção mimosa, separando-a
Por altos Pirenéos da França imiga.
Ao oriente tem o mar, que abrirão
Herculeos braços, e que as costas banha;

Ao occidente o Oceano extenso
Formando grandes obrigados portos
Convida o nauta, que o commercio anima,
A nos vir permutar da industria os fructos.
Governa este paiz fertil guerreiro
O maior dos Monarchas, cujo Imperio
Se estende muito além destes limites:
Carlos se chama, e deste nome o quinto.
Grande parte da Europa ao ceptro augusto
Deste Sob'rano inclina a altiva fronte;
Não tendo a conquistar no mundo antigo,
A' nova quarta parte ovante manda
Invenciveis guerreiros, que não temem
Desconhecidos mares, póvos rudes:
Sublime e generoso quer mostrar-te
O brilhante clarão da luz mais pura;
Affugentar caliginosas sombras
Do cego paganismo, e neste Imperio
Da Catholica Fé plantar o ramo.

ATABALIPA.

Mal posso conceber ao mesmo tempo
Tão estranhas noticias! Sou sensivel
Ao caracter sublime e generoso
Do grande Imperador, que me annuncias:
Mas declara que subita mudança
Prepara aos Póvos meus, que luz he essa,
E que arvore fecunda em meu terreno
Manda plantar por braços que chamejão.

PIZARRO.

Se o que acabas de ouvir te tem absorto,
Qual teu pasmo será sabendo agora,

Que este grande paiz jaz sepultado
Desde a origem do mundo em erro infausto.
Esse brilhante Sol, que a luz espalha,
De tudo o que he creado o mais augusto,
Com huma palavra só tirou do nada
O Grande Deos, que o mundo organisava.
Faça-se a luz mandou, e logo o cáhos,
Tomando nova forma esclarecido,
Começou a brotar essa armonia,
Que observas no Ceo, na terta, e mares.
Ao imperio da voz mandou, que os astros
Das orbitas prescritas não passacem,
Que a solitaria terra agreste e rude
Amena se fizesse e productora.
Os animaes creou de igual maneira,
Quando por suas mãos formava o homem.
Companheira lhe deu da propria carne;
Mandando ás gerações, que progredissem,
Quais areas do mar, do Ceo estrellas.
Era a terra a morada dos prazeres,
Da innocencia, e da paz. Oh' dia infausto!
E quão pouco durou esta ventura!
Inimigo soberbo, e rebellado,
Que o Grande Deos por braço poderoso
Do Ceo precipitou com seus sequazes,
Sahindo dos abismos tenebrosos,
Invejoso do homem, que gozava
Do Creador supremo altos favores,
Com fallazes promessas seductoras
Constrangeo nossos Pais, fellos rebeldes
Ao preceito, que Deos lhes tinha imposto.

Suscitou das paixões continua guerra;
Fez-lhes sentir desejos poderosos
De imitarem seu crime, e nesse pomo,
Sempre fatal á geração humana,
Os meios encontrou da atroz perfidia.
Sagaz então lhes disse, se o comesseis
Ficarieis iguaes á Divindade.
Era pomo vedado, e só por isso
Se tornava mais grato e cobiçoso.
Os desgraçados Pais fracos cahirão
Nos laços fementidos: mal comerão
Logo a fome, a nudez, o crime, a morte,
Se fizerão sentir. Entre enroladas
Escuras nuvens de terror cercadas
Desceo á terra Deos; com voz irada
A nosso Pai chamou, que se occultava:
Veio tremendo, envergonhado, afflicto,
O misero mortal, e Deos severo
Seus crimes horrorosos reprendendo,
Os males fulminou, que a humanidade
Sopporta sem cessar: e logo hum Anjo
Com ignea espada repulsou terrivel
Deste lugar feliz o homem fraco.
Crescerão gerações, crescerão vicios;
As fogosas paixões desenfreadas
Vagavão sobre a terra; infames cultos
Até aos animaes os homens davão.
Enfurecido Deos, já não pudendo
Sopportar dos mortaes impios delirios,
Fez desatar do escuro firmamento
Hum diluvio fatal, que o mundo alaga.

Só o justo Noé, filhos, e noras,
Da morte quiz salvar na fluctuante
Arca ingente, que d'antes fabricada
Por seu mandado foi. Na pantanosa
Alagadiça terra se criárão
Bem depressa nações, e a nova raça
Recebe de seu Deos a lei escripta.
Preceitos tão sagrados, grandes provas
De affecto ao Povo, que escolhido havia,
Milagres espantosos, que assombravão,
Nada bastava p'ra conter a furia
Das insanas paixões. Tudo éra fructo
D'essa herança fatal de hum Pay rebelde.
Tinha creado Deos no Ceo morada
De hum eterno prazer ao homem justo,
Porém logo que o vio conjurado
Com justiceira mão vedou-lhe a entrada.
E'ra offendido Deos, e Deos queria
Dos homens apagar a mancha ingrata;
Mas como éra infinita, e grande a offensa,
Não podia pagalla o homem fragil.
Vê agora, assombrado Atabalipa,
Os effeitos de amor de hum Deos clemente.
Da Essencia Divina gera hum Filho
Igual a si, dos mesmos attributos,
E este Filho então he quem se offerece
Qual victima a expiar humanos crimes.
Consente o Pai, e quando á terra desce
O pezo toma da mortal figura.
Vem pobre debellar com braço forte
A soberba, que o mundo a vassallava.

Vive alguns annos intruindo os homens,
Prégando-lhes moral, fazendo-os doceis,
Amigos, bemfazejos, virtuosos.
Chegado o tempo n'alta mente escripto
Em que havia entregar seu corpo á morte,
A perfidia nação, que tanto amára,
Contra elle altamente se conjura.
No jardim, onde orava ao Pai eterno,
O vem prender a chusma aterradora:
Não resiste o cordeiro aos feros lobos;
Entre tormentos asperos levado
A' presença cruel d'impios Ministros,
A's vis accusações nada responde.
He condenado logo á morte infame.
Sobre a montanha Golgotha chamada,
Pendente de hum madeiro sempre augusto,
Consumma a redempção da raça humana,
Off'recendo a seu Pai o sangue e a vida,
Pelos crimes dos homens reprovados.
Tres dias jaz na fria sepultura;
Quando assumindo a si da Divindade
A sustancia immortal, a dura campa
Arroja valoroso, e sobre a terra
Impassivel aos homens se apresenta.
Alguns dias passou só visitando
Aquelles, que escolhera. Então subindo
Ao cume de alto monte, onde se vião
A sua Magestade, e seus triumphos;
Depois de despedir-se dos amigos,
Que na terra deixava por momentos,
Começou a elevar-se pouco a pouco:

Entre enroladas nuvens refulgentes
Se esconde aos olhos dos mortaes absortos;
E vai sentar-se em throno magestoso
A' direita do Pai vencendo a morte.
Assim despedaçou o ceptro iniquo
Do rebelde inimigo. Abrio as portas
De pár em pár ao Ceo. Fez-nos herdeiros
Dessa gloria immortal, que não tem preço.
Quem nunca o conheceo não tem direitos
A' Patria do Prazer, e fica escravo
Do debellado genio furibundo.
Vê pois quanto nos deves, quantos p'rigos
Não temos superado por trazer-te
Do Evangelho a luz. Tu, e teus Povos,
Nas aguas do baptismo saludares
Regenerados, detestando os cultos,
Que a rude estupidez ao Sol tem dado,
Iguaes porções terão na Patria excelsa,
Onde por minha voz hum Deos vos chama.

ATABALIPA.

Não se destroe no coração humano,
Em rapidos momentos assombrosos,
A profunda impressão, que desde o berço
Cunhou a educação. Mudar costumes,
Abandonar as leis, que nos criárão,
E mais que tudo despojar dos cultos
O Deos de nossos Pais, em seus altares
Estranho Nume collocar tremendo,
Acostumar a vista a novos ritos,
He obra só do tempo e da verdade.
Repousai das fadigas. Nesta casa,

Asylo d'amizade e da concordia,
Ao uso do paiz sereis tractados.
Meu franco coração a vós se entrega.
Feliz eu se puder, entre os assaltos
Das mais fortes paixões, achar os meios
De fazer reunir em doces laços
Nossos Deoses, a Patria, as leis, e os homens.

ALMAGRO.

A estação tormentosa se avizinha.
Nosso caracter, mesmo a magestade
Do Deos, que annunciamos, não consentem,
Que em froxas dilações se perca o tempo.
Nossa lei manda crer, lançar cadêas
A' exaltação razão: não se disputa
Contra a mesma verdade por essencia.
Deves já sometter-te, e deste Imperio
Homenagem fazer ao meu Sob'rano.

ATABALIPA.

Que violencia cruel! Dizeis que somos
Selvagens, e que a bruta Natureza
Nos tem aferrolhado, que ignoramos
Da ordem social usos polidos,
Annunciaes hum Deos, cuja bondade
Penetra os corações, e furibundos
Proclamais os decretos mais injustos!
Quereis que me decida na importante
Mais sublime questão n'um só momento!
Que sentado em meu throno, e não vencido,
Vá cobarde depôr a minha herança
Aos pés de quem nunca meus olhos virão!
Que só porque o dizeis tudo acredite!

Não he assim que os corações se movem
A estranhas sensações! Quando se apura
Cançada paciencia em demasia,
Muitas vezes os brandos sentimentos
Em vozes do furor só se transformão.

ALMAGRO.

Pois tu nos ameaças! Tu pertendes
Em teu delirio contrastar decretos
Traçados pela mão da Providencia!
Já te esqueceste, que os temiveis raios
A' nossa voz se accendem, que o seu fogo
Abrasa e mata, que se não reziste
Aos filhos do trovão! O' lá soldados!
Preparai-vos, que a guerra se declara;
Conquistai, destrui, vingai insultos,
O chéfe da nação seja o primeiro
Que caia a vossso pés! Treme orgulhoso.

PIZARRO.

Suspendei-vos, soldados, não se offende
Quem desarmado está, quem nos recebe
Em sua mesma casa, quem se presta
Aos laços d'amizade, e não recusa
Ouvir altas verdades, que annuncião
Enviados do Ceo. Genios fogosos
Muitas vezes os planos desconcertão.

ATABALIPA.

Pois que és sensivel, e que tens caracter
Mais docil, mais humano, eu te conjuro,
Que suspendas teus raios: não confundas
Nas desgraças do triste Atabalipa
O innocente Povo. Vinde, amigos,

Se o Ceo vos enviou, elle conhece
O fundo da minh'alma, e sempre justo
A fraude ha de punir, e á desventura
Contra oppressora mão prestar asylo.

PIZARRO. (1)

Abusar do terror, ser sempre austero,
Muitas vezes os fracos exaspera.
Sigamos a vareda mais segura,
Que nos presta a illusão. O imperio he nosso.

ALMAGRO. (2)

A primeira impressão sempre he mais forte,
Seguir o seu impulso he ser guerreiro.
Muitas vezes se perde n'um momento
O que custa alcançar em longos annos.

---

(1) Ao ouvido de Almagro. (2) Ao ouvido de Pizarro.

ACTO III.

SCENA I.

Jardim.

Semira, e Druza.

SEMIRA.

NEste jardim, onde o prazer morava,
Onde sempre risonha a Natureza
Brotava sem cessar plantas cheirosas,
Quantos dias passei, dias formosos,
Nutridos de esperanças lisongeiras.
Debaixo destas arvores copadas
Quantas vezes ouvi de hum terno amante
Mimosas expressões! Trocou-se a sorte!
Agora em cada tronco só descubro
A imagem do terror! Sempre em meu peito
Convulso o coração bate agitado.

DRUZA.

Confesso que os aspectos furibundos
De nossos invasores me amedrontão.
Que fujo espavorida apenas ouço
Rumor neste Palacio: mas, Senhora,

Não te entregues á dôr, poupa teus dias,
Vê que pungentes males sempre encurtão
Nossa cançada languida existencia.

SEMIRA.

De que serve viver entre incertezas!
Soffrer continuamente a crua guerra
De nutantes paixões he peso amargo!
Ah, minha cara Druza, vê que horrores
Se pintão na exaltada fantasia;
Hum amante em furor, hum pai escravo
De oraculos funestos, este imperio,
De que éra successora, avassallado
Por feros estrangeiros, que não sentem
Nos duros peitos commoção suave.
Que destinos terá hum Deos irado
Decretado ao Peru! Negro horizonte
Se apresenta a meus olhos deslumbrados.

DRUZA.

Tu me fazes tremer! Porque não segues
O caro esposo? Porque não procuras
Asylo em seus dominios, mais seguros
Pela potente mão da Natureza?

SEMIRA.

Não, amiga, se Nume inexoravel
Tem proscripto em furros dos nobres Incas
A raça magestosa, unico ramo
Eu sou do tronco seu; a qualquer parte,
Aonde me encaminhe, o negro fado
Qual sombra seguirá meus tristes passos.
Alli irá comigo a desventura.
Empéstarei os ares, que respire.

Apôs mim marchará cruenta guerra.
Ah, não quero involver meu terno amante
Na longa serie de fataes destinos;
Nem barbara deixar na lucta horrivel
Caros auctores de meus tristes dias.

SCENA II.

As ditas, e Pizarro. (1)

PIZARRO.

QUe aprazivel jardim! Estes palmares
Verdes ramos de arvores indigenas
A hum Europeo alegrão. Mas, que vejo!
Que belleza a meus olhos se apresenta!

SEMIRA.

Sinto rumor. Fujamos deste sitio.
Eis de estranha figura o fero aspecto! (2)

PIZARRO. (3)

Nynphas deste jardim, que ás flores bellas
Roubais a formusura; os brandos passos
Affaveis suspendei. Minha presença
Vos enche de pavor? Deponde o susto.
Sabe que os Hespanhoes são meigos, ternos,
Que sabem empregar o mimo as graças
Para ganhar os corações d'aquellas,

---

(1) Entrando sem reparar nas ditas. (2) Querem fugir. (3) As detem.

Que tem vossos encantos. Este o dia
Mais feliz para mim, depois que os ventos
A's vossas regiões me conduzirão.

SEMIRA.

Não deveis estranhar nossa surpreza.
Affeitas sempre a usos mais singelos,
Vendo em vós Deoses, ou mortaes severos,
Mal podemos fixar vossos semblantes
Sem sentir de temor gelar-se o sangue.
Neste embaraço permittí, que humildes
Nos retiremos, e se sois sensiveis,
Não façais infelizes tantas gentes,
Que até os vossos nomes nunca ouvirão.

PIZARRO.

Nestes instantes, que o prazer gerára,
Não mistureis ideas pavorosas.
No paiz que habitais deve aventura
Risonha amanhecer de dia em dia.
Eu não faço infelizes, vós somente
Os podereis fazer fugindo esquiva.

SEMIRA.

Se de mim dependesse essa ventura,
Que tanto exagerais, quantas desgraças
Fugirião da terra ao negro abysmo.
Agradeço, Senhor, o meigo tracto,
Que agora me prestais. Brada esperança
Levanta doce voz dentro em meu peito.
Nunca pensei, que corações forrados
D'esse duro metal, fossem sensiveis.

PIZARRO.

Vós já fizeste o meu em demasia!

Dizei quem sois, e se habitais constante
Este Palacio, e vosso nome amado
Singela declarai, meu doce encanto.

SEMIRA.

Ah, Senhor, o meu pejo me confunde!
Porem cedendo á força erresistivel
Da nossa educação, que não permitte
Guardar occulto em peito refalsado
O que não he segredo, eu satisfaço
Vossos desejos, chamo-me Semira,
Do Grande Atabalipa herdeira e filha.

PIZARRO.

Vós filha! Vós herdeira deste imperio!
Ah, Semira, já vejo que os destinos
Com poderosa mão me conduzirão
Por cima d'esses mares espumosos!
Sou poderoso, tenho a meu arbitrio
O rayo e o trovão, mas sou vencido
Por vossos olhos, pelas graças bellas,
Que adornão hum semblante mais que humano.
Sereis grata aos excessos, que Pizarro
Por vós deseja obrar? Ao vosso affecto
Pode aspirar minh'alma extasiada?

SEMIRA.

Senhor, meu coracão repelle a fraude;
Elle não he só meu, meus Pais dominão
Por lei da Natureza a mais sagrada
Sobre a minha vontade, e desde o berço
A indessoluveis laços me ligárão.

PIZARRO.

Eu os farei quebrar! Cara Semira,

Vosso Pai desde já he o meu amigo.
Faremos a conquista gloriosa
Do novo mundo. Nas nações vizinhas
Dictaremos a lei, e formidaveis
Até á mesma Europa então seremos.

SEMIRA.

Permittí que me ausente, os meus deveres
Instão que eu parta. Sêde virtuoso,
Pois só desta maneira altas conquistas
Fareis neste paiz em pouco tempo.

PIZARRO.

Meu coração vos segue passo a passo!
Elle já não he meu, vós mo roubaste!
Minha bella Semira encantadora,
Brevemente vireis dar vida ás plantas
Deste jardim, aonde a vez primeira
Fiquei vencido em desigual batalha?
Lembrarvos-heis que a auzencia me devora?
E que dos vossos olhos só depende
Minha meiga ventura, e meus prazeres?

SEMIRA.

Poupai, Senhor, a minha singileza.
Semira vos respeita, e em vós espera
Encontrar protector contra a desgraça. (1)

---

(1) Vai-se com Druza.

SCENA. III.

PIZARRO.

TEu Esposo serei! Negros cuidados
Desterra, ente mimoso! O teu Pizarro
Só respira por ti! Teu Pai, que eu mesmo
Pertendia arrojar do throno a terra,
Vai sentar-se com gloria alli comigo.
As vastas regiões a nós vizinhas
Conquistadas serão, e tu Semira
Serás sempre a mulher mais venturosa.
O meu amor, o meu socego exige
Victima, que o perturba em seus prazeres.
Almagro, o teu caracter me desgosta,
Duro, insoffrido, avaro, turbulento,
Não podes combinar-te com meus planos.
Não quero socios nesta audaz empreza!...
Deves morrer!... Os Hespanhoes, que virão
O meu Imperio, nunca mais da patria
Pisarão o terreno, pois pertendo
Occultallo aos tyrannos lá da Europa. (1)

---

(1) Vai-se.

SCENA IV.

Sala.

Oscár, e Semira.

SEMIRA.

NÃo, meu querido Oscár, tens prevenido
Teu nobre coração em demasia.
Não são tão duros, tão crueis, tão feros
Os nossos invasores. Inda há pouco
No jardim encontrei seu chéfe altivo:
Hia a fugir-lhe, quando meigamente
Meus passos suspendeu; fallou-me affavel.
Empregou expressões ternas mimosas,
Como aquellas, que tu só tens comigo.
Jurou, que havia engrandecer meu throno
Unindo a elle rapidas conquistas.
Os Hespanhoes, me diz, são susceptiveis
Aos encantos de amor, e seus prazeres.

OSCA'R.

E credula pudeste aproximar-te
A hum monstro, cujo alito pestifero
Infecta, e traz a morte? Fementidos!
A quem nem innocencia nem virtude
Escapa ás negras truculentas garras.
Foge, ingenua Semira, ao laço astuto,
Que indecentes desejos tem traçado.
Sabe, meu caro bem, que estes tyrannos
Fingem paixões, que o coração não sente;

As que nelles dominão são ferozes,
E seus usos crueis Amor espancão.

SEMIRA.

Não posso conceber como a perfidia
Debaixo de apparencias lisongeiras
Sabe occultar seu horrido veneno.
Como pode exprimir a lingoa affouta
O que não gera o coração sensivel?
Tu me fazer tremer!... Acaso os Numes
Os vicios não castigão? Porque vemos
Tão favoravel ser a seus projectos
A voluvel Fortuna? Os elementos
A seus preceitos o furor deporem?
Accender-se na terra o rayo ardente,
E bramir o trovão com som medonho?

OSCA'R.

Muitas vezes o Ceo deixa em seu curso,
Fogoso arrebatado, o vicio impune,
Até esse momento em que se cança
Seu braço vingador. Tantos ultrages
Desafião seus rayos mais temiveis,
Que os inventados por mortaes astutos.
Não somos nós sómente os offendidos.
A barbara cobiça destructora
Tem profanado o templo magestoso
Do radiante Sol: de seus altares
Com sacrilegas mãos tem arrancado
As laminas fulgentes, que os ornavão.
Onde brilha o metal, que avidos buscão,
Sem pejo o vão roubar estes audazes,
Até ao simulacro mais augusto

Tem já lançado vistas cobiçosas.
Vê pois que confiança nós podemos
Nestes impios fazer! Teu Pai se assusta
De impostores oraculos, que aterrão
Sómente as almas que não tem firmeza.
O seu debil caracter já conhecem
Fallazes invasores. Bem depressa
Viráõ a dominar no triste imperio . . . . . .
Porém que disse! . . . . Em quanto Oscár exista,
Escrava não será a patria cara
Daquella, que a ventura em meigos dias
A formar seu prazer só destinára.

SCENA V.

Os ditos, Atabalipa, e Palima.

ATABALIPA.

QUe de oppostas paixões he combatida
Minh'alma inquieta! Que pendor me inclina
A receber por solidas verdades
Transcendentes mysterios, que annuncião
Pavorosos mortaes! Força invencivel
Em seus discursos tem! Seu Deos me aterra!
Quero instruir-me mais! Com seu Monarcha
Alliança farei! Laços sagrados
Vão unir para sempre os dous Imperios!
Meus caros filhos, vós sereis ditosos!
Nova luz esclarece a patria amada.
De hum poderoso Deos a voz se escuta.

OSCA'R.

Infeliz fascinado, quando arrojas
No centro escuro de fataes desgraças
Tua cara familia, então proclamas
Dias felizes no terreno escravo.
Que esperas d'esse Deos, que annunciárão
Protervas bocas, monstros fementidos?
Quem só nutre no peito horrendos vicios,
Não tem no coração a Divindade.
Sabes quaes são os Numes, que estes féros
Adorão sem cessar, são a cobiça,
A traição, a impostura, o negro engano.
Porque queres deixar o Deos antigo
De nossos Pais felizes? Não gozámos
Na sua protecção altas venturas?
Que alliança fatal teu genio inquieto
Pertende contrahir, n'um reino estranho
A nossos usos, em longinqua terra?
Os vicios que dominão n'esses climas,
Virão contaminar teu povo ingenuo.
Depressa esses metaes, que aqui se crião,
Cobiçosos desejos despertando,
Convidaráõ milhões de facciosos
A virem despojar dos patrios lares
Teus miseros vassallos, e tu mesmo
Preparas para ti igual destino.
Abre os olhos á luz destas verdades.
Teu alliado sou por natureza,
Por lei do coração, por honra, e brio.
Une-te a mim, e vamos corajosos
Arrojar de huma vez nas crespas ondas

Essa caterva vil de aventureiros.

ATABALIPA.

O teu genio fogoso, arrebatado,
Te leva além das metas da prudencia.
Não queiras abysmar-nos! Sabe, amigo,
Que o chéfe principal, que aqui me envia
Celeste Providencia, fez saber-me
Por confidente seu, qne elle intentava
Alliar-se comigo, que o meu throno
Seria respeitado, e que a amizade
Formaria entre nós laços sagrados,
Que só comigo affavel brevemente
Intentava explicar-se. O seu caracter
Segura confiança hoje me inspira.

OSCA'R.

Olha, Semira, como a vil perfidia
Entorna seu veneno, e vai minando
De nossos corações doce existencia.
Sabe, illudido amigo, que esse monstro
Quer seduzir a candida innocencia.
Seus depravados olhos já lançárão
Vistas infames sobre a propria filha.
E comprarás á custa do teu sangue,
Da honra, e da virtude, hum throno indigno
Que podes sustentar em campo armado
Cheio de gloria, intacto de vileza?
Ah, teme o meu furor! Teme o que perde
Tudo quanto possue, mesmo a esperança!

ATABALIPA.

Tu me encheste de horror! Não pode tanto
A força da desgraça! Antes a morte,

Que ser traidor, infame, e fementido!

SEMIRA.

Meu coração não pode por-se a preço,
Já tem senhor, tu mesmo o destináste,
Os laços que o apertão são tão fortes,
Que não podem quebrar injustos fados,
Nem Deos estranho, nem mortal ousado.

PALIMA.

Porque deixais nutar entre incertezas
Afflictos corações? Dar o remedio
Quando a desgraça assoma, he lei que impera
Nas almas valorosas. Aterrar-se
Só de leve rumor pertence aos fracos.
Escuta, esposo, com caracter firme,
Esses tractados, mas se as leis da honra
Quizerem insultar homens injustos,
Prefere antes morrer que ser perjuro.
Conheção esses féros, que nos chamão
Selvagens e brutaes, que em nossas almas
Tem mais poder a solida virtude,
Que esse amor da existencia tão prezado.

OSCA'R.

Não são vagos rumores, que despertão
Turbulentas paixões dentro em meu peito,
He a mesma certeza. Se escutarmos
Da impostura, e traição os sons funestos
Tudo perdido está. Os Peruvianos
De dia em dia vai prendendo o susto.
A esses restos, que inda se conservão,
Do amor nacional lançemos fogo.
Vamos a combater; nestes audazes

Tenho a vingar traição, odio, e ciume.

ATABALIPA.

Meu generoso Oscár, não te arrebates!
Pesada mão de lugubre destino
Me opprime denodada! Sinto n'alma
Gritar estranha voz, que me confunde!
Mas apezar dos lances tormentosos
A que possa levar-me o fado iniquo,
Fica seguro, que manchar não sabe
Atabalipa com acções infames
O sob'rano caracter, que lhe dera
Em tempos mais tranquillos a ventura

ACTO IV.

SCENA I.

Sala.

ALMAGRO.

AQui esperarei. Vamos minando
Deste froxo a ruina. Se eu pensasse,
Que hum acaso feliz do novo mundo
Me havia abrir desconhecida entrada,
E que o poder das armas coruscantes
Faria succumbir hum povo immenso,
Viria só, para gozar sem susto
Os mimos da Fortuna. Nos momentos
Em que deve mostrar grande energia
Suspira affeminado, e perde o tempo
Formando aereos planos. Se eu sómente
O commando tivesse desta empreza,
Já teria o Peru avassallado
A's minhas leis. Pizarro não merece
O premio da conquista. Já começão
A murmurar os nossos camaradas.
Electrizemos pois genios inquietos.

Contra o froxo formemos hum partido.
Acabe ás mãos da intriga e do ciume
Aquelle, que me assombra e me desgosta.
Elle chega! Do meu rancor se occulte
O fogo abrazador, que me devòra.

SCENA II.

O dito, e Pizarro.

PIZARRO. (1)

QUe presença odiada de importuno
Neste momento vem atromentar-me!

ALMAGRO.

Amigo e camarada, os meus cuidados,
Meu caracter ingenuo, franco, e nobre,
Não soffrem, que eu sopporte por mais tempo
O pezo esmagador de meus receios.
Somos socios, e quando nos ligámos
Para emprender audazes descobertas,
Os fortes corações, que a Natureza
Vigorosa nos deu, de ferro e de aço
Intrepidos cobrimos. Quantas vezes
Te vi no reino de Neptuno irado
Com semblante sereno ao nauta afflicto
Inspirar confiança. Estranhos climas,
Povos selvagens, horridos desertos,

---

(1) A' parte.

Não podérão nos criticos momentos
Roubar-te a côr do rosto. As leis dictavas,
E a Fortuna os montes aplanava.
Agora que esta mesma lisongeira
Do aurifero Peru te entrega a posse,
E que seus habitantes mal se atrevem
A levantar os olhos de assombrados,
Em que os nossos canhões apenas troão
Lanção por terra indigenos pasmados,
He que te vejo entregue á mais profunda
Cruel melancolia, que derrama
O susto e o pavor nos teus soldados.
Nossa amizade, e nosso mutuo int'resse,
São direitos, que exigem de teus males
Ingenua confidencia. Quasi sempre
A fiel narração lhes gasta o pezo

PIZARRO.

Não sei contrafazer-me: sinto n'alma
De oppostas sensações choques funestos.
Quanto melhor me fora ter entrado
Neste paiz seguido da victoria,
Depois de ter em fervidos combates
Vencido, conquistado. Que remorsos
Eu teria poupado! As leis da guerra
Seus direitos prestando, o saque e a morte
Serião desculpaveis: mas se encontro
No senhor do paiz hum homem docil,
Que affavel nos recebe em seu palacio,
Que se entrega nos braços d'amizade,
Que attento nos escuta, e quer ligar-se
Com os mesmos, que vem de mão armada

Seu imperio invadir, com que pretextos
A nefanda traição cobrir podemos?
Até nas gerações as mais remotas
Se tremerá de horror; e nossos nomes,
Apezar do valor, e do heroismo,
Dos crimes d'ambição serão manchados.
Sejamos mais humanos! Pouco a pouco,
Os selvagens costumes adoçando
Desta ingenua nação, conquistaremos
Não sómente o Peru, mas de seus povos
Os doceis corações, que he mais que tudo

ALMAGRO.

Que subita mudança em teu caracter
Descubro, amigo! Quando desgostosos
Da dura condição em que nascemos,
E que a mesquinha mão da desventura
No queria fechar na patria ingrata;
De nossos genios por impulso ardente
A novas descobertas nos lançámos.
Quantas vezes em nossas conferencias,
Tendentes aos projectos que formámos,
Teu caracter fogoso, arrebatado,
Propenço sempre para a crueldade,
Prudente moderei. Tu me disseste
Muitas vezes sanhudo, que a Fortuna
Affagava sómente o genio ousado,
Que a froxa indecisão a affugentava,
Que hum apatico instante só podia
Malograr o valor de longos dias.
Apenas avistámos estas costas,
Aos Povos Europeos desconhecidas,

Com semblante seguro sobre a tólda
La nossa embarcação, que então arfava
Para as praias de Puna, me mostráste
Esta vasta extenção de continente
Como premio ás fadigas destinado.
Apenas aportámos, nosso aspecto,
Dos accesos canhões o som terrivel,
Superstição, que os braços algemava,
Sem resistencia a entrada nos franqueão;
E com assombro, e novidade, vimos
Só diante de nós homens tremendo.
Prevendo logo grandes resultados
Das nossas descobertas, nos lançámos
Nas praias do Peru, e quando ouviste,
Que o seu Imperador só empregava
Ricos presentes para affugentar-nos,
Intrepido e guerreiro me disseste,
He preciso avançar, ir dethronallo
Na mesma capital, em quanto o medo
Lhe abafa o coração, a ferro e fogo
Ganharemos a posse deste imperio.
Nos primeiros momentos foste duro,
Inaccessivel, fero, inexoravel;
Agora de repente transformado,
Te vejo suspirar, gemer afflicto,
Consumindo estes dias preciosos
Em agitadas languidas demoras.
De teu acerbo mal prevejo a origem.
Pela voz d'amizade só te digo,
Que o genio emprendedor não se escravisa
Por ligeiras paixões, que a força embotão,

Que fugindo o terror, nos foge a preza.

PIZARRO.

Almagro, tu me insultas! Nada tenho
Mais caro ao coração, que esta conquista.
Froxas paixões, que os homens affeminão,
Desconhece Pizarro; não se amoldão
A' nossa profissão esses suspiros,
Que na tua exaltada fantasia
Tem gerado o furor. A meus conselhos
Te inclina hum pouco docil! Muitas vezes
Mais se ganha com brandos sentimentos,
Que ostentando rigor. Quem nos sustenta
Sobre este terreno, injusto amigo,
He só a estupidez. Se despertarmos,
Com duras oppressões, nestes selvagens
Essa paixão tão natural ao homem
Quando se vê traido, se a vingança
Nos peitos accender o amor da Patria,
Se cahir a illusão das Divindades,
O que será de nós, de nossas armas,
Cuja força sómente aqui consiste
Nos recursos da simples Natureza?
Com teu genio avarento não perturbes
Minha marcha politica, que o tempo
Te fará conhecer quem he Pizarro.

ALMAGRO.

Eu jámais soffrerei, que em tom altivo
Queiras dictar-me a lei. Com que direito
Pertendes só mandar? Não somos socios?
Não forão combinados nossos planos?
Não ajustámos, que os despojos fossem

Entre nós igualmente repartidos?
Como queres agora misterioso
Dispôr em chefe? Concluir tractados
Occultos, e sem meu consentimento?
Altamente reclamo os meus direitos.
Protesto, que não tens auctoridade,
Que te possa fazer independente.
Essa marcha politica, que ostentas,
Não seja pomo de fatal discordia.
Vê, que a nossa ventura he consequencia
Dos laços que nos ligão. Nesta falla,
Que dicta hum coração robusto, e franco,
Medita seriamente. As circumstancias
Te mostrarão tambem quem he Almagro. (1)

SCENA III.

PIZARRO.

AMeaças-me, vil, minha vingança
A guerra te declara! O teu destino
Está na minha mão! Esses soldados,
Que intrepidos nos seguem, quando eu queira
Te hão de assassinar! Impio! Orgulhoso!
Descobriste meu mal! Os meus suspiros,
Infidos, me trairão! Mas não julgues,
Que pode amor embrandecer minh'alma!
Duas paixões oppostas se acampárão

---

(1) Vai-se.

Dentro em meu coração! Sou devorado
Por odio, e por amor, a qualquer dellas
Deixemos franco imperio! Sim, Semira,
Tu a parte terás que a amor pertence,
E do odio o furor sopporte Almagro. (1)

SCENA IV.

Sala.

ATABALIPA.

DOce e serena paz, que já fugiste
Do triste coração, será possivel,
Que venhas outra vez dourar meus dias?
Que o meu imperio escravisado aos Fados
Possa ser venturoso, engrandecer-se
Por mãos fumantes, que o terror espalhão?
Ah', não, essa esperança lisongeira
Evaporou-se, e de illusões funestas
Pertendem entreter escassos dias
Da misera existencia. Estes austeros
Indomitos mortaes tem já lançado
A sorte do Peru! Serão mui duras
As condições com que Pizarro intenta
Alliar-se comigo. Oscár, lançáste
De horrivel prevenção negro veneno
No fundo da minh'alma atribulada!

---

(1) Vai-se.

Porém seja qual for o trance amargo,
Que tenha preparado o Fado iniquo,
Meu coração, que préza mais que tudo
A honra e a verdade, será sempre
Virtuoso no meio da desgraça.
O Throno, a vida, me serão pesados,
Se for preciso que nefandos crimes
Os venhão sustentar. Pizarro chega;
Deste enigma fatal o veo se rasgue.

SCENA V.

Atabalipa, e Pizarro.

PIZARRO.

AMigo, que os Destinos poderosos
Fizerão conhecer. Quando eu buscava
Por cima desses mares procellosos
Occultos continentes, novos climas
Aos povos Europeos então vedados;
Meu peito preparava p'ra conquistas
Filhas do meu valor. Senhor dos raios,
Não podia temer; e vendo as costas
Do teu imperio, disse transportado,
Eis o primeiro premio que a Fortuna
Fagueira me apresenta. Em terra salto;
E vendo os habitantes consternados,
Julguei ter o Peru avassallado.
Quiz dethronar-te, com franqueza o digo,

E fazer proclamar ao som medonho
Dos accesos canhões estrepitosos
As minhas leis. Ao culto que prescreve
Sancta Religião, que adoro e sigo,
Consagrar esses Templos magestosos,
Que ao Sol edificáste. Quão differentes
São agora as ideas que me girão
Na mente embreagada! Sabe, amigo,
Que em lugar de hum tyranno tens hum socio,
Hum alliado poderoso e forte,
Que te quer sustentar com honra e gloria
Sobre o Throno dos Incas. Quantos povos
Circumdão este imperio teus vassallos
Bem depressa verás. Tantas venturas
Podes comprar, fazendo venturoso
Teu nobre bemfeitor, teu caro amigo.

ATABALIPA.

Poderoso Senhor, tu me confundes.
Como pode hum mortal desventurado
Ser arbitro da sorte do que impera
Até nos elementos? Teus desejos
Serão leis para mim. Eu te agradeço
Quanto me off'reces generoso e grande.
Praza ao Sol, que esses laços projectados
Os aperte a virtude, pois sem ella
Não podem prosperar acções humanas.

PIZARRO.

Sim, amigo, a virtude, amor sagrado
Vai unir-nos p'ra sempre. Eu te descubro
Meu terno coração: de ti depende
Minha sorte feliz. Ha poucas horas,

Buscando distracção a meus cuidados
Nesse ameno jardim de teu palacio,
Entre as mimosas flores se escondia
Travesso Amor com sétta preparada:
Apenas piso o doce pavimento
O traidor desfechou, golpe suave
Me abrio o coração, ferido volvo
Os olhos para o lado donde a sétta
Penetrante partira, e logo vejo
Amor em tua filha transformado.
Seus meigos olhos, expressão mimosa,
As graças todas, que formárão nella
Risonha habitação, n'um só momento
A conquista acabárão: vi-me escravo
No meio de meus planos de grandeza.
Minha forte paixão lhe expus singelo,
Porém ella inda mais por natureza,
Dando pouca attenção a meus suspiros,
Sómente me exhortava a ser constante
Na marcha da virtude; e tão modesta
Se separou de mim, que apenas pude
Pedir-lhe, que me amasse, em tom medroso.
Ausente de seus olhos, sinto n'alma
A guerra das paixões, e já conheço,
Que não posso existir sem ver Semira.
Nos laços de hymeneo unido a ella,
Dando novo esplendor a este imperio,
Fazendo conhecer a luz celeste
Do sagrado Evangelho, e pouco a pouco
Selvaticos costumes transformando
Nas mais polidas sociaes maneiras,

Verei fluir nos braços da ventura
Da formosa Semira os aureos dias.

ATABALIPA.

Se vinculos sagrados contrahidos
Na presença do Sol em tenra idade,
Quando ainda as paixões adormecidas
Nos corações reponsão, não tivessem
Ligado para sempre a cara filha,
Com que prazer, Senhor, hoje acceitára
A honra que propões: mas meu decóro,
Seu mesmo coração, justas promessas,
Juradas pela luz, que o Sol espalha,
São obstaculos, que vencer não póde
Hum honrado mortal. O ser perjuro
He o crime maior, que o Ceo castiga.

PIZARRO.

Quem he esse feliz, que tem dominio
Sobre a bella Semira? Acaso, amigo,
Seu docil coração vive occupado
Desse objecto?... Ama-o?... Meu caracter,
Meu amor, meu poder, não tem valia
Aos olhos de Semira? E tu, ingrato,
Impolitico Pai, desconhecendo
As vantagens reaes do teu imperio,
Poderás regeitar minha alliança,
Donde está dependente o teu destino?

ATABALIPA.

Meu destino immortal jámais depende
Da voluvel fortuna. Ser honrado,
Guardar meus juramentos, não manchar-me
De perfidia e traição, he na minh'alma

Imperio, que não rouba a mão do Fado.
Acalma a agitação. Fogoso impulso,
Que essa paixão suscita, o homem sabio
Cuidadoso modera. Attento escuta,
E certo estou, que se és o que te inculcas,
Se he verdadeira a lei, que me annuncias
Do teu Deos bemfeitor, convirás logo,
Que não posso dispôr do que já tenho
Cedido de huma vez por lei sagrada.
Onde os limites tem meu vasto imperio,
Começa o reino de hum Sob'rano amigo
Ornado de virtudes, que ennobrecem
O Throno, a Magestade. Minha filha,
Dos Incas successora, não podia
Hum consorcio encontrar mais vantajoso.
Unido aquelle reino a este imperio,
A mais segura paz affiançava
Aos povos a ventura. Oscár não tinha
Completos nove annos, quando veio
Mandado por seu pai saudar-me em Cusco.
Sua bella presença, hum genio affavel,
Ganhárão meu affecto, e bem depressa
Como filho o tratei. Era Semira
Quasi da mesma idade. Eu espreitava
Seus tenros corações, quando entretidos
Os encontrava em brincos innocentes.
Vivião como irmãos, e neste tracto
Forão crescendo, e foi crescendo a chama
De hum virtuoso amor dentro em seus peitos.
Morreo o pai de Oscár; era forçoso
Que então fosse tomar do reino a posse.

Instavão seus vassallos, porém elle
Entregue á dôr de perda tão sensivel,
Iuda sentia mais deixar Semira.
Minha filha tremia: em pouco tempo
A côr das rósas, que nas faces tinha,
Em matutinos lirios foi mudada.
Minha esposa n'um dia me rogãva
Quizesse interrogallos. De repente
Vem Semira e Oscár cheios de pejo
Lançar-se a nossos pés. Este mancebo
Assustado nos diz. Meus pais queridos,
A educação vos devo, e devo tudo
Que excita gratidão n'ũa alma nobre!
Não façais infelizes vossos filhos,
Que não podem viver já separados!
Sou Sob'rano tambem, porém deponho
Meu throno a vossos pés, pois sem Semira
Só o imperio da morte me pertence!
Se em té agora, Senhores, vós quizestes,
Que fosse minha irmãa, mais generosos
Minha esposa a fazei neste momento!
Semira quiz fallar, porém convulsa,
E cheia de pudôr, entre soluços
E lagrimas cahio desmaiada.
Que tocante espectac'lo, meu Pizarro,
Ao coração de hum pai! Tomo-a nos braços,
E quando recobrava os seus sentidos,
Pégo na mão de Oscár, na de Semira,
E apertando-as entre as minhas, disse,
Vivei meus filhos, sede venturosos,
Juremos, pelo Sol, eternos laços,

Com elles venha a paz, formemos hoje
De nossas posseções hum só imperio.
Vê agora, Senhor, se aquelle mesmo,
Que os laços estreitou, pode quebrallos.
Esta idéa sómente me horrorisa.

PIZARRO.

Pois eu os quebrarei!... Semira he minha!...
Meu coração exige esta homenagem!
Que atrevido mortal quer disputar-me
O gozo a meus prazeres?... Tem Pizarro
Indiscreto rival?... Depondo ideas,
Que hum fraco coração sómente aterrão,
Pensa sesudo, e vê quantas vantagens
Te podem resultar desta alliança.
Hum Sob'rano não deve ser escravo
Dos tractados que fez, quando melhora
A sorte de seu reino. Hum vil selvagem
Não pode competir com Deos do raio.
Estes dous axiomas, que annuncio,
São de eterna verdade: hum he só filho
Da apurada politica, e o outro
Do meu grande poder lhe vem a origem.
Se recusar Semira o meu consorcio,
Obriga-a como Pai, como Sob'rano,
E deixa esse importuno, e seus estados,
A's invenciveis armas de Pizarro.

ATABALIPA.

Pois hum Sob'rano deixa de ser homem
Por sentar-se no throno? Leis sagradas
Não o ligão tambem? Não préza a honra?
Não deve respeitar os seus contractos,

Inda com mais melindre, e mais decóro?
Não he pai? Não reclama a Natureza
Dentro em seu coração iguaes direitos?
E como poderá, sem ser tyranno,
Constranger huma filha a alheios laços,
Que ella talvez detesta? Tem limites
O paternal poder: quando se excede
Em vez de amigo torna-se odioso.
Tu nos chamas selvagens; ah' não queiras
Com elles alliar-te, são grosseiros;
As polidas maneiras lá da Europa
Singelos não cultivão, nem desejão.
Deixa o Peru em paz, vai sobre as ondas,
Que a ti se curvão, procurar ousado
Segunda vez a affortunada Hespanha.
Do fulgido metal, que tanto encanta
Os olhos Europeos, porção ingente
Te farei apromptar. A teu Monarcha
Offertarás por mim ricos presentes.
Segue esta marcha, e deixa aos Peruvianos
De teu nome immortal grata memoria.

PIZARRO.

Não he fugindo, que Pizarro intenta
Seu nome celebrar, he conquistando,
He fazendo ceder a seus desejos
Não sómente o Peru, mas quanto póde
Su'alma electrisar. Não te demores,
Escolhe, dando a filha, a paz, e o throno,
Ou, recusando-a, guerra, estrago, e morte. (1)

---

(1) Vai-se.

SCENA VI.

ATABALIPA.

NÃo, barbaros, não são vossos costumes
Nascidos dessa lei, que hum Deos dictára!
Sois impostores, que a moral só tendes
Nas linguas infestadas, e nos peitos
De enormes vicios esquadrão nefando!
Sim deixei-me illudir! Tarde conheço,
Que devia morrer como Soberano!
Porém o que farei neste conflicto!
Ao coração me falla agonizante
A triste Patria! Clama a Natureza!
Geme a mimosa filha consternada!
Bramindo de furor o caro amigo
Meus jamentos solidos reclama!
Fulminante Tyranno a lei mais dura
Quer exigir de hum pai! Tudo conspira
A fazer na minh'alma horrivel guerra!
O' Tu Deos Immortal, por quem já sinto
Suave inclinação, não desampares
Os póvos do Peru! Se com teu sangue
Quizeste resgatar os homens todos,
Homens nós somos, e talvez mais doceis
Em cumprir tua lei sagrada e pura.

ACTO V.

SCENA I.

Jardim.

Semira, Akalia, e Druza.

AKALIA.

POr occultos destinos se encadeão
Os males do Peru! Paixão funesta
Da terrivel discordia o facho accende!
E quem diria, que homens carrancudos,
De fogo armados, insultando a morte,
Aos encantos de amor fossem sensiveis.

SEMIRA.

Ah' não chames amor paixões nefandas!
Esses metaes, que nós pouco prezamos,
Fertil terreno dilatado e rico,
A origem são de turbidas procellas.
Só para segurar esta conquista,
He que o barbaro quer unir direitos,
Que a Natureza deu, a seus audazes
Cobiçosos projectos. Não se amolda
Heroico amor a corações nutridos

De sordidos desejos ; nem se ganha
Por força a inclinação nas almas nobres.

DRUZA.

Se abraçado tivesses meus conselhos ,
Fugindo logo ás vistas furiosas
Destes monstros em homens transformados ,
Quantos males terias prevenido ,
Que a nossa desventura tanto augmentão.

SEMIRA.

Quem pudéra atravez do tempo escuro
Seu destino espreitar ! E quantos laços ,
Caros ao coração , éra forçoso
Dilacerar ! Que misera existencia
Seria a minha , sem saber da sorte
Dos ternos Pais , e da insultada Patria !
Porém se esse cruel inda persiste
N'atroz idea de fazer escrava
De fogosos caprichos esta amante
Fiel esposa , vamos escondernos
Entre as alpestres broncas penedias ,
Lá nos confins do reino afortunado
Do meu querido Oscár. Rumor eu sinto !
He Pizarro que vem ! .. Oh Ceos , que encontro ! ..

SCENA II.

As ditas, e Pizarro.

PIZARRO.

VEjo em vosso semblante bem descripta
Funesta agitação, que o meu aspecto,
Odiado talvez, em vós desperta.
Não podia julgar que preterido
Fosse por hum rival rude e selvagem.
Quando Pizarro se declara amante,
Tudo deve ceder. Tinha direitos
Para assim esperar. Fui illudido!
E Semira cruel prefere o estrago
Da Patria e da Familia aos ternos laços,
Que hum poderoso amante lhe offertára.
Já de meu coração vai debandado
Fugindo amor, deixando o campo aberto
Ao torcedor ciume, e da vingança
A voz se eleva no convulso peito.
As horas, que me restão deste dia,
São do preço maior, que o mundo vio.
Decidi-vos, Senhora, ainda entrego
A sorte do Peru ao vosso arbitrio.

SEMIRA.

Que pertendeis de mim? De hum ente estranho
A's maneiras da Europa? Que escondera
A Natureza em dias mais tranquillos.
Nossas religiões, oppóstos cultos,
Diff'rente educação, leis divergentes,

Meu coração já prezo em doces laços,
Que a innocencia teceo naquella idade
Em que as paixões não tem fogoso imperio;
Tudo isto, Senhor, são embaraços,
Que não posso vencer. Não se subjuga
Por força o coração de huma donzella;
Nem ao grande Pizarro heroe da Hespanha
Convem manchar seu nome constrangendo
Huma fraca mulher a ser perjura.
Como póde agradar-te, que eu te entregue
Tremendo ingrata mão, ficando a posse
Do coração a seu senhor primeiro!
Ah' deixa esta infeliz! O rumo segue,
De ouro carregado, á Patria illustre;
Alli encontrarás meigas bellezas,
Que fação de teus dias a ventura.
Teus voluveis caprichos moderando,
Ficará entre nós sempre saudoso
Teu nome das virtudes adornado.

PIZARRO.

Não soffre reflexões minh'alma inquieta.
Chiméricos fantasmas se levantão
Contra o meu coração. Constante, e forte,
Saberei destruir injustos laços,
Que ao meu prazer se oppõe. Pensa Semira
Na differença que ha entre hum selvagem
E Pizarro senhor do raio ardente.

SEMIRA.

Selvagem tambem sou, o mesmo sangue
Nas veas me circula: más adverte,
Que esse, que em teu furor soberbo insultas,

Talvez tenha no peito mais virtudes,
Que os heroes decantados dessa Europa.
Podes expôr de huma paixão funesta
O fogo abrazador sem ultrajallo.

SCENA III.

Os ditos, e Oscár escondido entre os ramos das arvores.

OSCA'R.

QUe opportuno momento se apresenta
Ao meu resentimento, agora mesmo
Cahirás a meus pés, monstro odiado. (1)

PIZARRO.

Pois não valem meus rogos? Não te movem
O esplendor do throno, a honra, a gloria
De teus amantes Pais, por quem suspiras?
Meu amor neste instante me descobre
Energico remedio a tantos males.
Esse objecto vil, que te encadea,
Eu farei extinguir: acabe a origem
Donde podem provir grandes desgraças.

OSCA'R.

Primeiro acabarás na ponta aguda
Desta sétta vibrada por meu braço!..(2)

---

(1) Tira da aljava huma setta, e a põe no arco. (2) Aponta a setta.

Hum pouco mais suspenda-se a vingança!
Vejamos se Semira lhe resiste,
Ou se cede ao traidor, timida, e fraca.

SEMIRA.

Como queres, injusto e deshumano,
Contra a vida attentar de hum innocente,
Que nunca te offendeo. Pode ser crime
A teus olhos ferozes nossa chama
Accesa no Peru, quando habitavas
Longinqua Hespanha, sem saber se havião
Homens iguaes a ti n'um clima estranho?
He essa a sancta lei, que ufano inculcas?
Consentirá teu Deos, que as mãos ensopes
No sangue humano, por vingar rancores,
Que indiscreta paixão tem suscitado?
Ah', Pizarro, não queiras n'um momento
Fazer, cruel, a tantos desgraçados!
Respeita as leis da Natureza, ou teme
Hum braço vingador! Jámais Semira
Póde amar teu caracter sanguinario

PIZARRO.

Pois que ingrata desejas ver da guerra
O facho abrazador, pois que te agrada
O som de meus trovões, Semira, eu parto!
Brevemente verás pallida e triste
Correr por teu capricho o sangue humano!
Dos Incas para sempre destruido
O fraco imperio! Sobre o throno de ouro
Como conquistador marcho a sentar-me!
Teus pais vão arrastar duras cadeas!
E tu serás, cruel, a minha escrava!

OSCA'R. (1)

Não em quanto existir Oscár, que insulta
Tua perversa audacia! Morre infame! (2)

SEMIRA. (3)

Suspende o golpe, Oscár, deixa á vingança
De hum Deos sómente a punição do crime.

OSCA'R.

Neste momento meu seguro braço
Vai vingar a razão, a humanidade,
O ultrajado amor, a patria, o throno,
Que esse monstro em furor tem offendido.
Deixa, Semira, extinguir a peste,
Que nos quer devorar. Não me detenhas.

PIZARRO. (4)

Este ferro invencivel, que despreza
De hum louco e temerario a furia brava,
Me vai desaggravar, livrando a terra
De quem fumenta a infernal discordia. (5)

AKALIA. (6)

Por piedade, Senhor, detende os passos!
Attendei generoso aos nossos rogos!
Não transformeis este jardim risonho
Em theatro de horror ás nossas vistas!

OSCA'R.

Minha cara Semira, tu proteges

---

(1) Sahindo com precipitação. (2) Aponta a setta. (3) Semira corre a Oscár, e o suspende. (4) Com a espada na mão. (5) Quer acometter. (6) Akalia e Druza o detem.

De teu tyranno a vida escandalosa?
Vê que o barbaro intenta escravisar-te,
E teu throno manchar! Morre inimigo! (1)

SEMIRA.

Quanto sou infeliz; já não attendes
Da tua amante as vozes carinhosas?
Nada valem meus rogos, meus suspiros?

OSCA'R.

Adorada Semira, agora a honra
Tem em meu coração maior imperio
Que o excessivo amor: quem desaggrava
Sua amante ultrajada não a offende.
Deixa o arco vibrar, acabe a féra.

SEMIRA.

Suspende, heroico Oscár! Quem me soccorre!

SCENA IV.

Os ditos, Atabalipa, Palima, e Ingacu.

ATABALIPA.

MInha adorada filha, quem te insulta?
E que intentaes fazer em odio accesos? (2)

PALIMA. (3)

Teu genio arrebatado quer lançar-nos

---

(1) Quer desfechar. (2) Atabalipa, e Ingacu, correm a Pizarro. (3) Palima dirigi-se a Oscár.

Nos abysmos fataes da desventura.

OSCA'R.

Quero o Peru salvar! Vós malograstes
O mais feliz momento! Talvez hoje
Da vossa compaixão sejaes punidas!

ATABALIPA.

Pizarro, desculpai o impulso ardente
De hum joven valoroso. Eu só desejo,
Que a mais segura paz, bella armonia
Reine neste paiz, em quanto os fados
Nelle vos conservarem. Vinde, amigo,
O ouro receber, que vos offereço.

PIZARRO.

Como te illudes! Julgas que a Pizarro
Pode comprar teu ouro! Sabe, altivo,
Que mais nobres idéas alimentão
Meu grande coração. A guerra pode
Fazer minha fortuna mais pomposa.

OSCA'R.

Sim, ao campo da guerra he que eu te chamo!
He lá, que á frente de meus bravos filhos,
Sem ser retido por sagrados braços,
Esse orgulho Europeo prostrar pertendo.
Teus contrafeitos raios não me assustão.
Ao rouco som das maquinas fumantes
Acostumados temos os ouvidos.
Nossas settas estão todas hervadas,
Seus golpes são mortaes, nunca perdemos
O alvo a huma só; para ti infame

Está esta, que vez, já destinada. (1)
Se tens valor, procura-me cercado
Dessa indigna caterva, que expurgára
De seu seio fatal a iniqua Hespanha.

PIZARRO.

Sim, louco, bem depressa o ferro, e o fogo
Te farão conhecer quanto são fracas
Essas armas, que oppões ao raio ardente.
Tu só, com teu furor desasisado,
A guerra declaraste, que eu queria
Deste imperio affastar, subindo ao throno
Nas azas do prazer. Agora irado,
Sentindo no meu peito a voraz chama
Do odio, e do ciume, ás armas corro.
O Ceo vai trovejar! Sobre seus eixos
Ha de a terra tremer! E se esse nume,
Astro do dia, que a estupidez adora,
Podesse ser sensivel aos horrores,
Que farei commetter por meus soldados,
A face radiante em negras nuvens
Deveria esconder, triste, assombrado.
Atabalipa fraco, e sem caracter
Para o throno suster, vê quem te perde, (2)
Huma filha insensivel a teus males,
Hum barbaro em furor chamando á guerra. (3)

---

(1) Mostra-lhe a setta. (2) Aponta para Semira e para Oscár. (3) Vai-se.

SCENA V.

Os ditos, menos Pizarro.

OSCA'R.

NÃo temas, caro amigo, os ameaços
De hum soberbo Hespanhol; seus socios tremem
A' vista dessa tropa numerosa
De intrepidos heroes, que a Patria amada
Pertendem libertar do jugo infame.
Adorada Semira, adeos, eu parto;
Brevemente a teus pés trarei despojos,
Fructos daquelle ardor, que n'alma accendem
Nossa constante fé, e o teu decoro.
Meu braço vingador vai denodado
Esta raça extinguir. Esses madeiros
Alados, cavernosos, que os trouxerão
Por cima das ceruleas crespas ondas,
Farei incendiar, vedando a estrada,
Que hum acaso fatal abrio aos impios,
Que nos vem insultar. Adeos Palima,
Teu filho vai c'roar-se da victoria,
E fazer que o seu nome seja digno
Da Patria, e de Semira. Adeos amigos.

SEMIRA.

Detem-te, amado objecto, eu não consinto,
Que generoso vás com fracas armas
Os raios arrostar. Em quanto he tempo
Fujamos á desgraça. Pai querido,
Das Mãis a mais mimosa! Sim deixemos

Para sempre o Peru entregue aos Fados!
He no reino de Oscár que brando asylo
Nos presta a Natureza. A vida heroica
De meu amante tem maior valia
Que o imperio dos Incas, destinado
Por mão celeste aos filhos do Oriente.

ATABALIPA.

Tudo se aprompte, vamos entranhar-nos
Nas alpestres montanhas; pois levando
Cara esposa e meus filhos, levo tudo
Quanto ha de precioso, e não lamento
Perder hum throno do Destino escravo.

OSCA'R.

Sim parti se quizerdes, que eu só devo
Para o campo marchar, onde me chama
A honra e o dever. Nossos amigos
Alli me esperão. Sem ficar manchado
De vil e de cobarde, já não posso
Deixar de combater. Queres, Semira,
Acceitar fraca mão, que já tremera
De medo e de pavor? Amar hum homem,
Que foge ao desafio, e que se esconde,
Qual timida mulher, á guerra justa?
Que o combate recusa, donde pende
Da Patria a salvação, dos Pais, da Esposa?

SEMIRA.

Vai, generoso Oscár, segue os impulsos
Do nobre coração, cança a desgraça.
Se he justiceiro o Sol, ou se esse Nume,
Que os barbaros adorão, préza a honra,
Ama heroico valor, e da virtude

Oppressa consternada se mâgoa,
Vai seguro, que os louros da victoria
Tua fronte hão de ornar, e que Semira
Jámais pode arrastar impias cadêas.
Que ou te ha de ver cercado de triumphos,
Ou saberá morrer constante e forte.

OSCA'R.

Consorte digna de melhor destino,
Portentosa mulher, teus sentimentos,
Sublimes, generosos, entornárão
Combustiveis materias em meu peito,
Que arde em sancto dever. Teu caro esposo
Invencivel será! O tempo voa!
Adeos terna Semira! Adeos Palima! (1)
Amigo consternado, o Ceo implora. (2)

SCENA VI.

Os dïtos, menos Oscár.

PALIMA.

MAncebo valoroso, que a desgraça
Devia respeitar! O Sol não veja
Teu destroço fatal! Vamos ao Templo
Do Deos de nossos pais! Cheiroso aroma,
Em enroladas nuvens vá subindo
Ao Simulacro seu! Nossos gemidos

---

(1) Abraça os tres. (2) Vai-se.

Attrahião compaixão, e dem victoria.

ATABALIPA.

Agrada ao coração na desventura
Aos Numes recorrer. Nossa esperança
Aos pés do altar hum pouco se vigora.
Vossos rogos, nascidos da virtude,
Attendidos serão. Eu parto ao campo,
Para ver se inda posso supplicando
Estragos affastar do triste imperio.

SEMIRA.

Já não he tempo de brandura. A guerra
Enfurecida tem banido os doces
Suaves sentimentos. Acompanha
A desolada misera familia.
Deixa que luctem braços valorosos,
Que o Fado inexoravel talvez cancem. (1)

SCENA VII.

Sala.

SEMIRA.

NEste dia fatal vai decidir-se
A sorte do Peru! Oh' Deos supérno!
Se a justiça e razão são a teus olhos
Gratas virtudes, se não tem direitos
Famintos invasores de roubar-nos

(1) Vão-se.

As caras possessões onde nascemos;
Teu auxilio, animando os nossos braços,
A victoria dará, e os feros raios
Apagados serão. Quantos gemidos
Já me parece ouvir dos moribundos,
Que a vida perdem no cruel conflicto!...
Esposo!.. Amado Oscár!.. Sorte funesta!..
Mas porque deixo enfraquecer minh'alma
Com lugubres idéas pavorosas?
Vai, combate, triumfa, a cara Patria
Já não pode existir sem este esforço.
Mas se nos for contraria a iniqua sorte,
Se teu sangue regar este terreno,
Que a minha mão te havia destinado;
Com a mesma, que sobre altar mais puro
Do sagrado Hymeneo em pouco tempo
Os laços estreitar devia amante,
Saberei separar-me dos viventes,
E seguir tua sombra além da morte.

SCENA VIII.

A dita, e Almagro.

ALMAGRO.

PErmittime, Senhora, que interrompa
Vossa meditação. Sei, que o aspecto
De hum Hespanhol excita ás vossas vistas
Horror, e confusão: porém dépondo
Estas idéas, que o temor mais justo

Vos tem feito adoptar, sabei que ha homens
Entre nós, que aborrecem dos tyrannos
Os perversos manejos, que desejão
Os afflictos salvar das garras duras
De crueis oppressores. Meus discursos
Ouvi tranquilla, e confiai na honra
De Almagro, que detesta o vil Pizarro.

SEMIRA.

Nova traição infame se prepara! (1)
Que pertendeis dizer-me annunciando
Tanta bondade, que desmentem factos.

ALMAGRO.

Vereis como seguindo o heroico impulso,
Que em vosso peito suscitar pertendo,
Os negocios politicos da Patria
Vão renascer, tomando alegre face.
Se o meu caracter, que aborrece horrores,
Não tivesse mil vezes refreado
Os sanguineos desejos desse monstro,
Já teria acabado em triste scena
O infeliz Peru. Igual commando
Tenho nas nossas tropas: mas o injusto,
E perverso Pizarro, com seu genio
Insociavel, destructor, sedento
Desses ricos metaes, que a terra abunda,
Para tudo empolgar, vai pouco a pouco
Mirrando o meu poder, dando aos soldados,
Para affeição ganhar-lhes, mais licencia,

---

(1) A' parte.

Que a que prescreve a lei, e a mesma ordem.
Aborreço a traição, amo estes Povos,
Onde vejo a singela Natureza
Sómente respirar. Já fatigado
De estranhos climas, de empolados mares,
Desejo ir repousar na Patria amada
Das asperas fadigas. Meu Sob'rano,
Que brilha como o Sol, que tem virtudes
Em gráo sublime, dando grande apreço
A' minha narração, com este Imperio
Contrahindo alliança a mais proficua,
As sabias producções da rica Europa
Promutar-se viráõ, trazendo a industria
Os commodos da vida aos vossos Povos.
Sede, bella Semira, o instrumento
De tão altas venturas, vós sómente
Sois quem pode trazer aura serena
A este Imperio agora nubilado.

SEMIRA.

Eu seria a mulher mais venturosa,
Se podesse affastar negras desgraças,
Salvando a Patria oppressa. Declarai-vos!
Não me deixeis nutar entre incertezas,
Que o triste coração tanto exacerbão!

ALMAGRO.

Sereis discreta? Guardareis segredo?
E constancia tereis p'ra audaz empreza?

SEMIRA.

Não duvideis, Senhor, antes mil mortes,
Que trair quem se presta em meu auxilio.

ALMAGRO.

Dizei-me, francamente, o vil Pizarro
Não se fingio amante apaixonado,
Para vos seduzir? Não quiz a posse
Da vossa mão, para apoiar direitos,
Que á perfida ambição inda faltavão?

SEMIRA.

Vós me fazeis córar de pejo, Almagro!
Sim, segredo não he, quiz fraudolento
Meu coração ganhar, e quando vio,
Que firme em meu amor, eu repellia
Fingidas expressões de hũa alma escrava
Da guerra e da ambição, soltando as furias,
Que o peito lhe dominão, só respira
Vingança contra aquelles que não derão
Motivo a seu furor. Altivo e duro
Para o campo marchou, e diz que o throne
Do grande Atabalipa por direitos
De barbara conquista lhe pertence.
Vós, que sois seu igual, que dos soldados
Sois respeitado, ide generoso
Este incendio apagar; salvai minh'alma
Dos horrores da guerra enforecida!
Em recompensa, quando caminhardes
A' Patria afortunada, copia ingente
Desse fulvo metal hei de offertar-vos.
Ricos presentes levareis gostoso
Ao Monarcha da Hespanha, e vosso nome
Viverá entre nós sempre saudoso.

ALMAGRO.

Não sou eu, mas sois vós quem deve affouta

A obra consummar, livrando a terra
De hum feroz assassino, que vos rouba
Os Pais, a Patria, a liberdade, o esposo.

SEMIRA.

Eu! E de que maneira? Na minh'alma
Se derrama hum pavor, que o sangue gela!

ALMAGRO.

Nada de vacillar. Sabei, Senhora,
Que até o mesmo Ceo tem escolhido
Vosso braço immortal, para a vingança
De crimes detestaveis. Eis, Semira, (1)
O presente, que o Deos de alta justiça
Vos envia por mim. Sereis ditosa,
Se a lei cumprirdes resoluta e firme.

SEMIRA.

Hum ferro penetrante!.. Oh' Deos, eu tremo!..
O que exiges de mim!.. Queres meu sangue!..
Gostosa o verterei, se elle hoje pode
Tua ira aplacar, salvando a Patria!

ALMAGRO.

Não he sangue innocente amado e puro,
Que a celeste justiça hoje reclama,
He aquelle, que anima o mais infame
Perverso coração. Semira, adora
As ordens do meu Deos, que muitas vezes
Dos delicados braços femeninos
Se tem servido p'ra extinguir Tyrannos.
Eis a lei, que hum mortal não tem direito

---

(1) Tira hum punhal, e o apresenta a Semira.

A deixar de cumprir. Finge-te amante
De teu mesmo oppressor; brandos affagos
Prodigalisa, illudindo astuta
Desvairada paixão, e no momento
Mais opportuno á doce liberdade,
Vinga teu justo amor da injusta offensa.
Com mão segura dirigindo o golpe
Traspassa o coração mais fementido.
Cumpre as ordens do Ceo, e não hesites

SEMIRA.

Pode o Ceo ordenar hum crime horrendo?
E ser grato ao teu Deos hum assassinio?
Se assim he, eu detesto estranhos cultos.
Quero seguir a lei sagrada e pura,
Que o Sol dictou a nossos Pais primeiros.
Ser bemfazejos, não manchar no sangue
De nossos similhantes mãos traidoras,
Ao misero indigente, ao desgraçado
Compassivos prestar almos soccorros,
Alheio não tocar, dar á virtude
A preferencia sobre o nascimento,
Eis a lei immortal de hum Deos só justo,
Que até nos corações gravou piedoso.

ALMAGRO.

Não devemos altivos arrojar-nos
A querer indagar altos segredos
Da Providencia, que governa os homens
Por occultos caminhos. Ser submissos
Aos decretos do Ceo, he quanto deve
Praticar hum mortal, deixando ideas,
Que a educação plantou nos tenros peitos.

SEMIRA.

Não he a educação, he sentimento
Do proprio coração, que sempre ao crime
Horror conserva, e sente da virtude
O suave pendor. Teu Deos não pode
Decretar a traição, o sangue, e a morte!
Estas paixões, que os homens envilecem,
São estranhas a hum Deos, e se elle as sente,
Detesto a sua lei, seu nome, e cultos.

ALMAGRO.

Tens de austera virtude dominado
O fraco coração. Sempre foi justo
Negros vicios punir, salvar a Patria;
A' honra, á liberdade profanada
Sacrificar com mão heroica e nobre
O perfido motor de nossos damnos.
Pois que te agrada ver nadando o imperio
No sangue destes povos succumbidos,
E que huma vida só tem a teus olhos
Mais valor que milhares de vassallos,
Que te não horrorisa ver sentado
No proprio throno esse tyranno iniquo,
E teus Pais arrastando amargos ferros,
Ou a féros supplicios condemnados,
Extincto o caro amante, ameaçado
Teu decóro, por força constrangida
A saciar paixões de hum monstro infame,
Eu me aparto, Semira, e te conjuro,
Por unico favor ao meu affecto,
A's leis da Natureza, que desprezas,
Guardes este segredo, que alto Nume

Só declarar-te quiz por minha boca. (1)

SEMIRA.

Detem-te, dá-me o ferro!..Hum Deos me inspira!..
A victima, que o Fado inexoravel
Tem proscripto em furor, nesse momento,
Que acabas de pintar, perca a existencia!..
Meu braço saberá rasgar-lhe o seio,
Prevenindo desgraças mais funestas.

ALMAGRO. (2)

A justiça venceo, venceo a causa
Da triste humanidade, e resoluta
Queres obrar a acção mais generosa?

SEMIRA.

Almagro, não duvides, dá-me o ferro,
Só presente do Ceo, que ama a virtude.

ALMAGRO. (3)

Valorosa Semira, aqui te entrego
O vingador da Patria, amigo Nume,
Que nos vai libertar do jugo horrivel
Do tyranno maior que vio a terra.
Occulta-o com cautella, não arrisques
Com imprudente ardor o golpe ousado.
Prepara d'antemão feliz momento.
Fingido amor a estrada da vingança
Nos ha de descobrir. De teus talentos
Confio a execução desta ardua empreza.
Gostoso me separo, e marcho a dar-te

---

(1) Quer partir. (2) Voltando para a scena. (3) Entrega-lhe o punhal.

Não equivocas provas de alta estima.
Triumphou meu rancor; he desta sorte, (1)
Que ao throno subirei sem arriscar-me. (2)

SCENA IX.

SEMIRA.

AMizade!... Virtude tão precisa
Ao homem social!... Dize onde habitas!...
Não he na Europa no paiz das feras
Que teu throno plantaste!.. Entre esses povos,
Que selvagens se chamão, tens mais cultos,
Tuas sagradas leis são mais guardadas!
Quem poderia crer, que longo tracto,
Constante companhia entre os trabalhos,
Mutuos int'resses, só gerassem crimes!
Que tivesse a ambição maior imperio
Que a voz da Natureza! Este instrumento,
Que de mim confiou traição cruenta,
Talvez seja do Ceo nobre presente!
Amigo ferro, meu seguro asylo (3)
Contra a negra desgraça! Tu me inspiras
A mais heroica acção! Se eu vir quebrados
Os doces laços, que a minh'alma prendem,
Morta a minha esperança, e condemnada
A fogosas paixões de hum monstro insano,

---

(1) A' parte. (2) Vai-se. (3) Olhando para o punhal.

Então com teu auxilio abrindo o peito,
Saberei triumphar da desventura. (1)

SCENA X.

Vista de bosque.

Oscár, Jacubacca, e Peruvianos armados de flexas.

OSCA'R.

INtrepidos valentes Peruvianos,
Que preferis morrer com gloria armados
Sobre o campo da honra, ao vil estado
De dura escravidão; não vos assustem
Os roucos sons de ruidosos raios.
Mais ligeiros do que elles nós iremos
Arrancallos das mãos, que os fabricárão.
Deixai superstições, não vos illudão
Antigas tradições, negros orac'los.
Deoses não gerão monstros, nem dos vicios
O insano tropel pode agradar-lhes.
Conhecei nos crueis, que nos provocão
A' mais justa vingança, huns miseraveis,
Que duras precisões, magra cobiça,
A's ondas arrojárão. Vinde, amigos,
A Patria libertar. Vossas esposas

---

(1) Vai-se.

Aos ternos peitos apertando os filhos,
Entre soluços timidos esperão
De vossos braços decisiva sorte.

JACUBACCA.

Não demores, Senhor, nossa victoria.
Teu heroico valor tem inflammado
Em nossos corações ardor sobejo.
Voemos á vingança, e desta raça,
Que nos veio empéstar, se extinga o nome.

OSCA'R.

Se o meu exemplo intrepidos seguirdes,
Havemos triumphar dos impostores. (1)

SCENA XI.

Sala do Throno.

Atabalipa, Palima, Semira, Akallia, e Druza.

SEMIRA.

EStranha agitação minh'alma sente.
Agro momento, no qual negros Fados,
Por leis inalteraveis, talvez possão
Supplantar o valor. Oscár!... Esposo!...
Que indecoroso susto o sangue gela?
Combate como heroe!... Vinga os insultos

---

(1) Vão-se.

Da mesma Divindade!... Despojado
Dos aureos ornamentos preciosos
Por sacrilegas mãos já foi seu Templo.
Vinga o mais puro amor, vinga amizade.
Porém que escuto!... Lugubres gemidos,
Gritos da morte, confusão medonha,
Por toda a parte soa!... Lá se avanção!...
Lá se acomettem!... Nuvem condensada
De hervadas settas os crueis derrubão!...
Já corre o sangue humano, rociando
Os calcados arbustos!... Vejo a Morte,
N'um throno de caveiras recostada,
Com seus mirrados tortuosos dedos
Apontar furibunda os que deseja!...
Ah' volve os vesgos olhos, não descubras
Onde combate Oscár!... Potente Nume,
Escuda o defensor de teus altares!...
Não ouves, caro Pai, Mãi desditosa,
Já bramir o trovão, espessa nuvem
De sulphureas materias tem roubado
Até ao mesmo Sol dourados raios!...
Nada se vê mais que o clarão terrivel!...
Oscár!.. Amado esposo!.. Onde combates!..
O que será de mim!.. Valei-me!.. Eu morro!.. (1)

PALIMA. (2)

Filha desventurada! Tudo augmenta
Deste dia fatal o horror sombrio!

---

(1) Cahe desmaiada nos braços de Akallia e Druza. (2) Corre a Semira.

ATABALIPA. (1)

Semira! Não succumbas!... Quanto ha triste,
Quanto ha de doloroso sobre a terra
Dentro em meu coração vive acampado.
Pai infeliz! Monarcha desditoso!
Injusto Sol! Cruentos invasores!
Que crimes são os meus iniquos Fados?
Devem satisfazer vossos caprichos
A innocencia, a virtude? E desabridos
Folgareis nas desgraças dos humanos?
Que estrondo pavoroso se derrama (2)
Pelas aureas abobadas, convulsa
Treme a terra em seus eixos!.. Sim lampeja
O crepitante raio!.. Meus amigos
Combatem pela Patria, e eu inerme,
Só com fracos lamentos he que quero
Affugentar a negra desventura!
Acabe-se comigo o triste Imperio. (3)

---

(1) Corre a Semira. (2) Ouvem-se tiros de canhão ao longe. (3) Parte furioso.

SCENA XII.

Os ditos, e Ingacu.

INGACU. (1)

ONde, infeliz Monarcha, arrebatado
Te guia a infausta sorte? Já não podes
Teu Imperio salvar. Os teus vassallos,
Ou jazem estendidos sobre o campo,
Ou pelos bosques do terror levados.

ATABALIPA.

Vejo em parte os oraculos cumpridos,
Resta ver o que falta consumado!
O desgraçado Oscár talvez não viva.

SEMIRA. (2)

Oscár!... Oh' doce nome!... Vem anima
Meu debil coração!... Já derrotáste
Barbaros Europeos?... He nossa a gloria?...
Pavoroso susurro me annuncia,
Que ainda se combate!... Oh' desventura!...

INGACU.

Eu o vi nas fileiras animando
Com intrepido ardor seus camaradas,
E com robusta mão curvando o arco
Aos barbaros mil settas despedia.
Chamejou o trovão, os igneos raios,
Por negras bocas espargindo a morte,

---

(4) Detendo Atabalipa. (2) Acordando.

Os nossos amedrontão. No conflicto
O generoso Oscár vendo que todos,
Levados do terror, no horrivel campo
De truncados cadaver's alastrado,
O tem abandonado, ardendo em raiva,
Por entre accesos raios coruscantes,
Mais fogoso do que elles, se arremessa.
Espassas nuvens de enrolado fumo,
Que os ares abafavão, esconderão
Este heroe a meus olhos deslumbrados.

ATABALIPA. (1)

Do armigero estrondo o som medonho
Para nós se aproxima. Eu estremeço!
Já tudo me annuncia ultimo estrago,
E de Pizarro a voz irada escuto.

PIZARRO. (2)

Vigilantes cercai este Palacio;
A meu justo furor nada se poupe.

SEMIRA.

Que horrivel voz em meus ouvidos soa!

PALIMA.

Amparai, Justo Deos, nossa innocencia!

---

(1) O estrondo das armas, e tiros, se ouve de perto. (2) Dentro.

SCENA XIII.

Os ditos, Pizarro, e Almagro, com as espadas nuas. Soldados Hespanhoes.

PIZARRO.

SOldados, esse altivo, que contava,
Suscitando a revolta, assassinar-nos,
Que da hospitalidade as leis sagradas
Aleivoso quebrou, em duros ferros
Algemai vingativos. Seu supplicio (1)
Atterre esta nação já conquistada.

ATABALIPA (2)

Deshumano! Que fiz? Quaes são meus crimes?
Não és tu aggressor? Eu não gozava,
Sem saber que taes monstros existião,
A pacifica posse deste Imperio
Herdado de meus Pais? Quando abordáste
Em minhas praias, não te fiz presentes,
Sinaes que não queria hostilidades?
Apenas avistáste os altos muros
Da infeliz Caxamalca, logo as portas
Não te mandei abrir? Em meu Palacio
Não foste recebido como amigo?
Não te fiz quanto pude? Teus desejos

---

(1) Os soldados lanção cadêas nos braços de Atabalipa.

(2) Com cadêas.

Não érão prevenidos? Dize, injusto,
Em que sou aleivoso? Por que modo
Te quiz trair? Se fosses mais prudente,
Refreando paixões desasisadas,
Quantos males poupáras! Eu me illudo!
Tu vieste a roubar-me o meu Imperio!
Esse fulvo metal tem despertado
No coração traidor voraz cobiça!
E's hum salteador! E's hum pirata,
Que os mares infestáste, e sobre a terra
Vens commetter horriveis attentados!
Enganei-me julgando que dos Numes
Tu éras enviado! Esse mancebo,
Que levado da honra quiz mostrar-te
Com as armas na mão, que não se insulta
Impunemente a solida virtude,
Logo te conheceo! Quiz prevenir-me,
Porém fatal destino me offuscava
Os olhos fascinados! Dize, iniquo,
Não he em meu Palacio desarmado,
No centro da familia desolada,
Que me encontráste? Como sou perjuro?
E como pertendia assassinar-te?
Se me tivesses visto sobre o campo
Armado combatendo, os meus deveres
Valoroso cumpria! He criminoso
O throno defender, e a Patria cara?
Mas tu não sentes da virtude a chamma!
Do furor da cobiça devorado,
Procuras hum pretexto fementido
Para cobrir teus crimes! Meu Imperio,

E meus ricos thesouros, me condenão
A' morte mais injusta, e deshumana!

PIZARRO.

Conduzi-o, segundo as leis da guerra
Será sentenciado, para exemplo
Aos traidores, que intentem sublevar-se. (1)

PALIMA. (2)

Suspendei-vos, crueis! Nobre Pizarro, (3)
Attende á nossa dôr, a mais vehemente!
Perdoa a hum desgraçado! Seus delictos
Consistem em ser Pai, e ser Monarcha!
Eu te cedo o Peru! Do esposo a vida
Vale mais para mim que o mundo inteiro!

SEMIRA.

Ente feliz, não sejas insensivel
Aos clamores da triste humanidade!
Vê a teus pés a esposa, a filha amante,
Do ultimo dos Incas! Consternadas,
Nada mais te supplicão, que a existencia
Da innocencia òpprimida! Eis o Palacio,
Os thesouros, o Throno, o vasto Imperio,
Tudo he teu! Dá-nos só hum desgraçado,
Que a tua atroz politica condena
A' mais injusta desabrida morte!
Fugitivos, errantes pelos bosques,

---

(1) Os soldados o querem conduzir.
(2) Detendo os soldados.
(3) Palima, Semira, Akallia, Druzá, e Ingacu, se lanção aos pés de Pizarro.

Teremos por palacio escura gruta!
A providente meiga Natureza,
Nas arvores silvestres o sustento
Nos ha de conceder com mão piedosa!
Vive feliz no meio das grandezas,
Que te concede o Fado inexoravel!
Commova-te este pranto, estes soluços,
Que a mais acerba dôr do peito arranca!

PIZARRO.

Contempla sem turbarte, altiva, ingrata,
De teus repudios justa consequencia.
Vê nos ferros teu Pai, e bem depresssa
Verás o meu rival em triste estado.
Tu me ensináste a ser cruel e duro,
Deste dia o terror tu decretáste.

SEMIRA. (1)

Oh' tu, que és mais humano, e mais sensivel!
Que a tua protecção já me otorgáste;
Abre o teu coração, modera a furia
De barbaras paixões, cumpre as promessas,
Que generoso ha pouco me fizeste!

ALMAGRO.

A lei deve cumprir-se. Tem mais força
Seu imperio em minh' alma, que os clamores
De huma fraca mulher, que só suspira.
Ella me vai trair, e não se vinga. (2)

---

(1) Levanta-se, e vem lançar-se aos pés de Almagro.

(2) A' parte.

PIZARRO. (1)

Almagro protector! Em seu semblante
Se descobre a traição. Oh' fementido!
Teu sangue vai correr p'ra meu socego.

SEMIRA. (2)

Barbaro, eu te farei sentir remorsos
Iguaes aos crimes teus! Braço innocente
Não o compra a traição! Mãi adorada! (3)
Consternadas amigas, levantai-vos,
Estes monstros só tem a humana fórma;
Seus corações ferozes são mais duros,
Que esse duro metal, que nos sujuga.

PIZARRO.

Soldados, conduzi os prisioneiros,
Que dos accesos raios escapárão. (4)
Corra livre o rancor, vingue-se a honra
De Pizarro ultrajada. Este o momento
Do meu maior triumfo. Treme ingrata! (5)

---

(1) A' parte.
(2) Levanta-se em furor.
(3) Corre á Mãi, e amigas, e as levanta pelos braços.
(4) Os soldados marchão.
(5) Olhando para Semira.

SCENA XIV.

Os ditos, Jacubacca, e Peruvianos com cadêas, soldados Hespanhoes conduzem em humas andas a Oscár, quasi expirando.

ATABALIPA.

Oh' que dia de horror meus olhos virão!

PIZARRO. (1)

Alli tens meu rival, vê quanto pôde
Hum insensato orgulho, agora attende
A seu abjecto estado, e meu triunfo.

SEMIRA. (2)

Meu adorado Oscár! Oh' desventura!
Minh' alma vem lançar-se no teu peito,
Para a tua reter! Abre esses olhos,
Onde eu via brilhar nossos prazeres!
Mas teu sangue correu, e já gelado
Perdeste a vida ás mãos da tyrannia!

OSCA'R. (3)

Quem me falla... Quem quer d'afflicta morte...
Chamar-me á luz... de hum dia desgraçado?...
Deixa-me em paz... os ultimos... momentos...
Não existir... he sempre o mais suave...
A quem... tudo perdeo... que mais... amava...

---

(1) Para Semira. (2) Semira, Palima, Akallia, Druza, e Ingacu, se chegão a Oscár. (3) Abrindo os olhos.

SEMIRA.

Estás nos braços da constante esposa.
Se não vives Oscár, morre Semira!

OSCA'R. (1)

Semira!... pois és tu quem me sustenta
Escassos restos de hũa vida amarga?...
Inda vives, meu bem?... nossos tyrannos
Te derão liberdade?... O vil Pizarro...
Sentio compaxão?... Ou desse monstro
Seguiste a dura lei!.. Oh' Deos!.. Eu morro!.. (2)

SEMIRA.

Recobra alguns alentos, caro objecto.
Semira será tua além da morte.
Nada pode roubar-te a justa posse
De hum coração, que para ti nascera.

OSCA'R.

Semira!... minha doce.... e cara amante....
Onde está... nosso Pai?... ainda existe?...
Ainda sobrevive.... á desventura....
Aquella... meiga Mãi... que tanto amava?...

SEMIRA. (3)

Chegai-vos, consolai hum filho nobre
Nos momentos da dôr, e d'amargura.

PALIMA. (4)

Eis a mais triste mãi, Oscár querido,
Que deseja seguir-te. Eu desfalleço!

---

(1) Abrindo os olhos. (2) Anciado desfallece. (3) Chama por Atabalipa, que se aproxima. (4) Abraça a Oscár.

OSCA'R.

Sois vós?... Vivei... para servir de asylo...
A' filha... mais... heroica... e virtuosa...

ATABALIPA. (1)

Oscár! Amigo! Filho! Neste estado
Em que te vejo és mais venturoso,
Que este Pai desgraçado! Deixa a terra
Por féras dominada! A seus caprichos
Já não podes servir! Voa onde habita
O Nume bemfeitor, que ama a virtude.

OSCA'R. (2)

Sim... chegai-vos a mim... a morte assoma...
Morro mais satisfeito... pois... nos braços...
Do que... tinha de caro... a vida acabo...
Morro servindo... a Patria... se puderes...
Seus insultos... vingai... Mas que cadêas (3)
Me pertendem lançar! Quero liberto
Terminar a existencia! Oh' desventura!...
Ellas prendem teus braços... terno amigo?...
A minha dôr se augmenta... Vem esposa!...
Dá-me essa mão... que havias... destinado (4)
Em recompensa do amor... mais... puro... (5)
Ella ferros... não tem... Oh'... minha amada!..
Já não... posso salvar-te... Carinhosa...
Consola os caros Pais... em seus pesares...

---

(1) Chegando-se a Oscár. (2) Abraçando Atabalipa. (3) Sentindo o pezo das cadêas de Atabalipa, falla com calor, e logo se abate. (4) Pega-lhe na mão. (5) Beija-a.

Lembra-te . . . com saudade . . . a mais pungente . . .
De quem n'alma . . . te leva . . . adeos . . . Semira. (1)

ATABALIPA.

Mancebo, digno de melhor destino,
Já Tyrannos em ti não tem imperio!

PIZARRO.

Vingou-se o coração, minh'alma exulta!

SEMIRA. (2)

Fartáste-te, cruel, na afflicta scena,
Que acabás-te de vêr? Tu'alma infame
Folgou na nossa dôr? Quero hoje dar-te
Prazeres a montões. Prepara os olhos
Para novos horrores. Mas primeiro
Quero entornar-te n'alma atroz veneno
De negras dissenções. Sabe, aleivoso,
Que esse collega teu, teu companheiro
Nos vicios, e nos roubos, quiz servir-se
Do braço meu, só para assassinar-te.
Inflammado em rancor nobre presente
Já de mim confiou. Eu vou deixar-vos
Luctando co'as paixões as mais funestas.
A raiva, o odio, a inveja, o zelo, a intriga,
Justiça hão de fazer ao sangue amado!
Desgraçados sereis por vossos crimes.
Não gozareis tranquillos hum só dia
Os fructos da traição. Eis o que attesta (3)
Quanto acabo de expôr! Iniquo Almagro!

---

(1) Morre. (2) A Pizarro. (3) Tira o punhal do seio.

Reconhece esta dadiva, que arranca
A victima ás paixões, seguindo o esposo. (1)

PIZARRO. (2)

Virtuosa mulher, suspende o braço!

PALIMA. (3)

Desventurada filha! Oh' dia infausto!
Onde ao horror succede outros horrores!

ATABALIPA. (4)

Rasgáste o niveo seio! O sangue corre!
Vingai, Potente Nume, a heroica filha!

SEMIRA. (5)

Affasta-te de mim... funesta origem
Deste dia cruel... Não me atormentes
Com teu fero semblante... Não profanes...
Com detestavel mão o sengue puro...
Que de meu peito corre... Teus soccorros...
Me causão mais horror... que a crua morte...
E vós... queridos Pais... tende constancia...
Vêde... sem desalento... o meu triumpho...
Aterrei os Tyrannos... Sigo a sombra...
Do mais heroico virtuoso amante...
Não lamenteis... a sorte de Semira...
Que já não teme a lei... de injusto Fado...
Chorai... as desventuras... que vos cercão...
Entregues... aos caprichos sanguinarios...

---

(1) Fere-se. (2) Correndo a Semira. (3) Palima, Akallia, e Druza, sustentão Semira mortalmente ferida. (4) Chegando-se a Semira, e pondo-lhe a mão sobre a ferida. (5) A Pizarro.

Desses monstros... horror... da Natureza...
O radiante Sol... cobrio... a face...
De espessas nuvens... de terror... movido...
Ah'... despede teus raios!... Não te escondas!...
Mas pavorosa noite... a terra... enluta...
Idolatrado Pai!... Mãi sempre amavel!...
Amigas compassivas!... na morada...
Do celeste prazer... eu vos espero...
Oscár!... Oscár!... por mãos d'amiga morte...
Recebe a terna... magoada... esposa... (1)

PIZARRO. (2)

Contempla da perfidia o fructo infame!
Aleivoso e cobarde, se intentavas
Assassinar-me, porque não vieste
Só por só atacar-me? Era preciso
De huma fraca mulher armar o braço?
Servires-te de amor como instrumento
Da mais baixa traição? Não te envergonha
A virtude, e valor destes selvagens?
Ah', teu protervo sangue deve, indigno,
Dos Hespanhoes lavar a nodoa horrivel.

ALMAGRO.

Primeiro ha de banhar o teu, soberbo,
Este ferro terrivel! Quantas mortes
Pavorosas se tem já perpetrado,
São fructos de paixões desasisadas,
Que abrigas nesse peito, o mais malvado.
Quiz, que amor offendido se vingasse

---

(1) Morre. (2) A Almagro.

Por suas proprias mãos, mãos delicadas,
E para eterno opprobrio do teu nome,
Que huma mulher a vida te arrancasse.
Não te julguei capaz de sobre o campo
Comigo disputares: mas se és homem,
Se tens valor, a elle te convido.
Grande parte dos nossos camaradas
O meu partido seguem, detestando
Tua rude avareza, o despotismo,
Que queres exercer em homens livres,
Que a grandes descobertas se ligárão.
Almagro não te teme, nem conhece
Outro direito mais, que a sua espada.

ATABALIPA.

Nunca julguei, que o coração tivesse
Tanta força e constancia nas desgraças.
Minha excessiva dôr té me alimenta!
Barbaros! Que esperaes? Sêde comigo
Humanos huma vez! Tirai-me a vida!
Em vós já não contemplo homens divinos,
Mas verdugos, que o Ceo á terra envia
Para crimes punir. Na mesma Patria,
Que duros corações só gera e cria,
Talvez possa excitar vossa fereza
Terror e compaixão! Atabalipa
Desventurado, só supplica a morte.

PIZARRO.

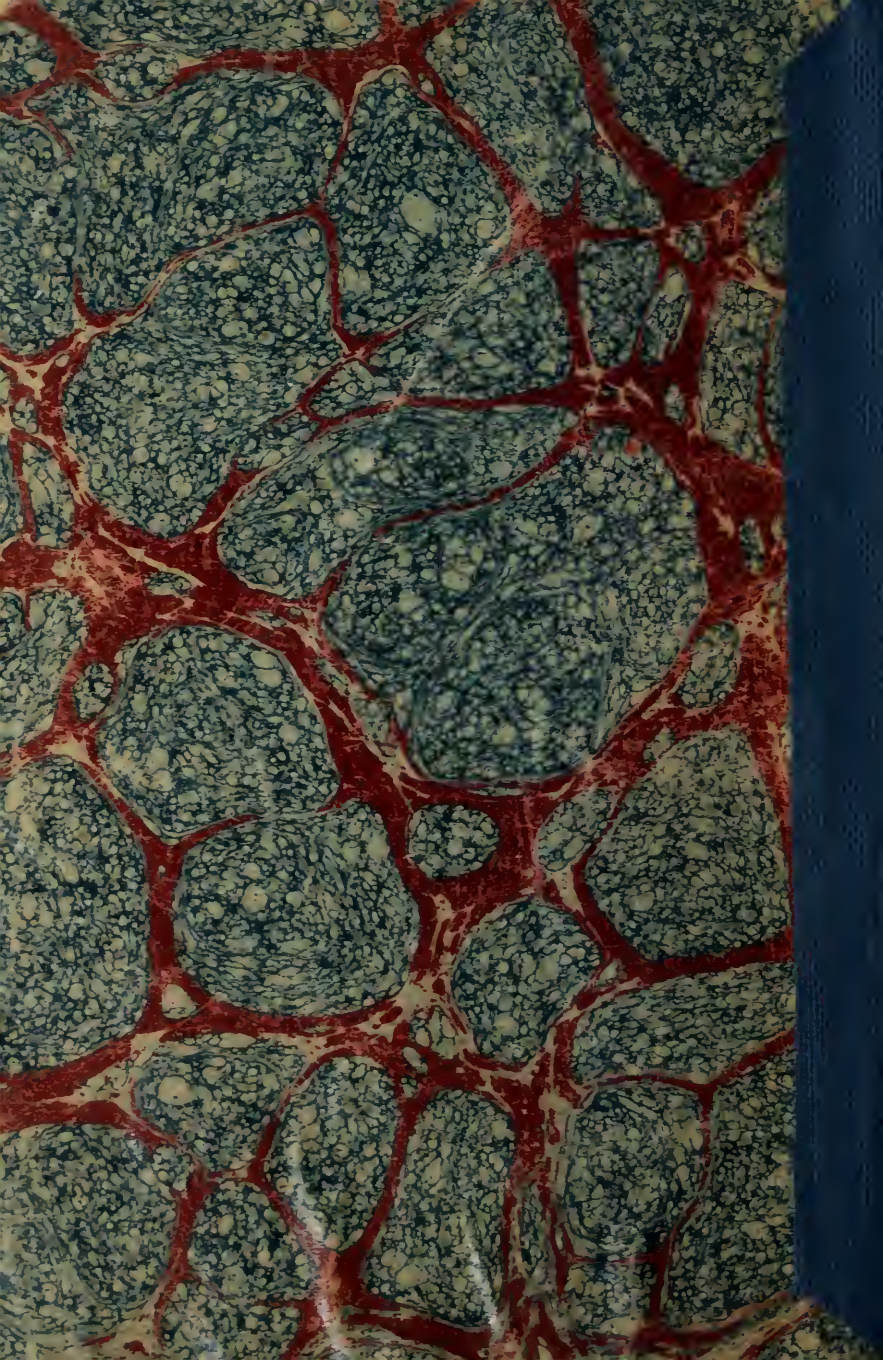
Para consolidar minha conquista
He forçoso otorgar-te essa ventura,
Com ella pagarás a ingrata offensa,
Que fizeste a Pizarro, revoltando

Teus salvagens vassallos, no momento
Em que alliança e paz só te offerecia
Por premio dessa mão, que iniqua morte (1)
Já de todo gelou. E tu, soberbo, (2)
Que a mais negra traição tramáste indigno,
Que me insultas, e queres disputar-me
O supremo poder, vem, nossas armas
Decidão qual de nós deve assentar-se
Sobre o throno dos Incas. Mas repara
Antes, que o sangue de Hespanhoes se verta,
Para a nossa ambição fartar-se de ouro,
Que esta audaz descoberta, que devia
Nossos escuros nomes fazer gratos
Até ás gerações as mais remotas,
Por crimes horrorosos execrados
Serão sempre nas almas mais sensiveis.
Tanto podem paixões devastadoras,
Que quasi sempre, no furor insano,
Transformão o valor, e o heroismo
Em vicios denegridos, que envilecem.

---

(1) Aponta para Semira. (2) A Almagro.

FIM.



PQ 9261 P45C6

Pimenta de Aguiar, Manuel Caetano
Conquista do Peru

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
. 39 10 05 05 09 003 8